

Davi Saba N'bundé

CIRURGIA PLÁSTICA ESTÉTICA FEMININA COMO ESTRATÉGIA PARA ACESSAR BENEFÍCIOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Área da concentração: Ciências Humanas e Políticas Públicas

Linha de pesquisa: Fundamentos Teóricos da Saúde Coletiva

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo O. Moretti Pires
Coorientadora: Prof.^a Dra. Sandra N. C. De Caponi

Florianópolis – SC
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

NBUNDÉ, Davi Saba CIRURGIA PLÁSTICA ESTÉTICA FEMININA
COMO

ESTRATÉGIA PARA ACESSAR BENEFÍCIOS / Davi Saba NBUNDÉ
; orientador, Rodrigo Otavio Moretti Pires,
coorientadora, Sandra Noemi Cucurulo Caponi , 2017. 83 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de
Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Saúde Coletiva. 2. Corpo Feminino . 3. Cirurgia
Plástica Estética . 4. Biopolítica . 5. Estratégia . I.
Pires, Rodrigo Otavio Moretti. II. Caponi , Sandra Noemi
Cucurulo. III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. IV. Título.

Davi Saba N'bundé

**CIRURGIA PLÁSTICA ESTÉTICA FEMININA COMO
ESTRATÉGIA PARA ACESSAR BENEFÍCIOS**

Dissertação aprovada e julgada adequada para obtenção do
Título de Mestre, pelo Programa de Pós-graduação em Saúde
Coletiva

Florianópolis, 24 de Julho de 2017

Profa. Josimari Telino de Lacerda, Dra.
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Rodrigo O. Moretti Pires, Dr.
Presidente (UFSC)

Profa. Marcia Grisotti, Dra.
(UFSC)

Maria Fernanda V. Valencia, Dra.
(UFSC)

A todas as mulheres que foram
“obrigadas” a adaptarem os seus corpos
para que pudessem acessar benefícios!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, sabedoria, saúde e a força que tem me concedido.

À CAPES pelo financiamento integral desta pesquisa. À UFSC pelo acolhimento e ao Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva pela oportunidade de cursar este riquíssimo curso e de ter aprendido bastante com seu corpo docente.

Ao Núcleo de Estudos em Gênero e Saúde (EPICENES-UFSC), pela parceria indireta na produção deste trabalho e pelo oportunidade de poder ser membro e estar aprendendo cada vez mais com a turma.

Aos meus pais, especialmente a minha mãe, pelo amor, carinho e por tudo que fizeram por mim. Amo vocês!

Aos meus irmãos e minhas irmãs que continuamente acreditam em mim e sempre estão do meu lado em todos os momentos. Adoro vocês!

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Rodrigo Moretti e minha querida coorientadora Profa. Dra. Sandra Caponi, pela confiança e parceria na produção deste trabalho.

A minha querida amiga-irmã, Ana Cláudia Vicente Demétrio, pela nossa amizade desde meu primeiro contato com a UFSC em 2010, pelas ricas conversas nas quais aprendi muitas coisas e pela revisão deste trabalho. *Love you so much!*

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente na produção deste trabalho, principalmente as entrevistadas, pela confiança em compartilhar as suas experiências de vida que resultaram neste trabalho.

Por fim, a mim, pela dedicação e constante determinação em honrar meus compromissos e correr atrás dos meus sonhos, sempre que possível.

RESUMO

Este trabalho objetivou identificar e, conseqüentemente, analisar a partir das falas, dos silêncios e das reações das entrevistadas, quais outros aspectos estão por detrás da acirrada busca feminina pela Cirurgia Plástica Estética (CPE) no Brasil contemporâneo, além da frequente justificativa que aponta para questão da autoestima como principal motivo. Por outro lado, buscou-se constatar quais aspectos compõem o perfil do corpo feminino ideal nos dias atuais no Brasil e, por último, analisar o aspecto mais importante deste corpo ideal. Foram entrevistadas doze pessoas, onze mulheres e um homem. Destas onze mulheres, dez já submeteram a algum tipo de CPE, salienta-se que uma delas é transexual. A outra entrevistada também é transexual, entretanto, apenas submeteu-se a aplicação de silicone industrial por finalidades estéticas. Há também um homem transexual em fase de preparação para realização da CPE de retirada das mamas. Todas as entrevistadas são moradoras da região da grande Florianópolis. As nove mulheres, com exceção da mulher transexual, são estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), oito no nível de graduação e uma no nível de mestrado. Das duas transexuais, uma é graduada pela UFSC a outra não tem curso superior, o homem transexual também não tem curso superior. O resultado aponta para a de mulher branca, alta, magra, jovem, cabelos louros/lisos, nádegas e seios grandes, como perfil de mulher ideal no Brasil contemporâneo e, destaca o seio como aspecto mais relevante deste corpo. Revelou-se que o emprego, o interesse nas relações afetivas/não afetivas e ser visível para chamar atenção das pessoas foram as principais motivações por detrás da incontornável busca feminina pela CPE. Por último, foi possível perceber como o sistema capitalista induz as pessoas “coercitivamente” a esta prática, que outrora buscava-se por livre vontade, com a finalidade de ficar linda e sentir bem consigo para aumentar as suas autoestima, mas que nos dias atuais, configura-se como uma necessidade, a fim de poder acessar benefícios.

Palavras-chaves: Biopolítica, Cirurgia Plástica Estética, Corpo, Estratégia.

ABSTRACT

This work aimed to identify and, consequently, to analyze from the speeches, the silences and interviews reactions, what other aspects are behind the feminine fierce search for the Aesthetic Plastic Surgery (APS) in contemporary Brazil, besides the frequent justification that points to question of self-esteem as the main reason. On the other hand, we tried to verify which aspects make up the profile of the ideal female body in the present day in Brazil and, lastly, to analyze the most important aspect of this ideal body. Twelve people, eleven women and a man were interviewed. Of these eleven women, ten have already undergone some type of APS, it is emphasized that one of them is transsexual. The other interviewee is also transsexual, however, she just submitted to the application of industrial silicone for aesthetic purposes. There is also a transsexual man in the preparation phase to APS breast removal. All the interviewees live in Florianópolis great region. The nine women, with the exception of the transsexual woman, are students at Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), eight at the undergraduate level and one at the master's level. Of two transsexuals, one is graduated from UFSC and other does not have high education degree, the transsexual man also does not get high education degree. The result points to a tall, thin, young white woman with blond/straight hair, buttocks and huge breasts, as the ideal woman profile in contemporary Brazil, and highlights the breast as the most relevant aspect of this body. It was revealed that employment, interest in affective/non-affective relations and being visible to attract people's attention were the main motivations behind the inevitable female search for APS. Finally, it was possible to perceive how the capitalist system induces people "coercively" to this practice, which was formerly sought by people free initiative, in order to be beautiful and feel good with themselves, increasing their self-esteem, but that in the present days it's configured as a necessity in order to access things.

Keywords: Biopolitics, Aesthetic Plastic Surgery, Body, Strategy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CP	Cirurgia Plástica
CPE	Cirurgia Plástica Estética
CPR	Cirurgia Plástica Reconstructiva
RE	Roteiro da Entrevista
SBCP	Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 BIOPOLÍTICA	22
2 CIRURGIA PLÁSTICA.....	25
2.1 CIRURGIA PLÁSTICA RECONSTRUTIVA	27
2.2 CIRURGIA PLÁSTICA ESTÉTICA	28
2.3CIRURGIA PLÁSTICANO BRASIL.....	30
3 CORPO E AS SUAS POSSÍVEIS UTILIDADES NA CONTEMPORANEIDADE	35
3.1 CORPO COMO CAPITAL.....	36
3.2 CORPO COMO TERRENO FÉRTIL.....	39
4 PERCURSOS METODOLÓGICOS	43
4.1 CONSTRUCIONISMO SOCIAL.....	43
4.2 PERFIL DA POPULAÇÃO ENTREVISTADA.....	45
4.3 CAMPO	46
4.4 TÉCNICA DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	47
4.5 QUESTÕES ÉTICAS.....	49
5 RESULTADO	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	77
ANEXOB: TCLE	81
ANEXO C: RE.....	83

1 INTRODUÇÃO

A cirurgia pode ser entendida como ciência e também como arte. Enquanto ciência, ela não é um fenômeno estático, mas sim dinâmico que está em constante evolução, nos conceitos, nas técnicas, nas práticas etc., isto é, acompanha a dinâmica das sociedades. Como arte, ela exige – do/a artista – uma dedicação séria para aprender os mais complexos detalhes que garantam a perfeição de uma obra artística, porque se trata de um trabalho manual. Etimologicamente a palavra cirurgia provém do latim, *chirurgia* que o tomou do grego, *kheirourgia* de *kheir*, mão + *érgon*, trabalho. Portanto, cirurgia significa trabalho manual, arte, ofício, no qual se empregam as mãos para a sua execução.

A técnica de cirúrgica foi aperfeiçoada e ganhou outro ramo, denominado de Cirurgia Plástica Estética (CPE), cuja finalidade é a de melhorar as aparências físicas das pessoas a partir de um certo padrão de estética. Acredita-se que existe um “movimento” que defende e vende como natural, a ideia de que existe um padrão de corpo feminino ideal na contemporaneidade, que pode ser alcançado por meio de vários mecanismos entre os quais a CPE é a mais indicada. Este “movimento” conta com uma parceria da grande mídia, que tem tido um papel primordial na disseminação desta informação, por meio dos seus diferentes veículos de comunicação, tais como rádio, televisão, revistas, jornais, redes sociais etc.

Pessoas de diferentes níveis socioeconômico e cultural em distintas regiões do mundo são atraídas por promessas de ter uma “boa” estética, um corpo lindo, saudável, estratégico, ideal para mulher moderna, uma vez que ter este corpo é sinônimo de ter certos “privilégios” na maioria das sociedades contemporâneas. Cada vez mais a população tem se investido em busca de adequar os seus corpos a este padrão com a esperança de obterem retorno, seja material, emocional, etc. Basta uma rápida pesquisa no Google para encontrarmos as informações que dão conta de um crescimento considerável da oferta e, consequentemente, da procura por este serviço, tanto no plano nacional, assim como no internacional.

No Brasil não é diferente, o país está no topo do ranking mundial em CPE. No ano de 2014, segundo o relatório divulgado

pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS):

O Brasil lidera o ranking mundial na realização dos procedimentos cirúrgicos estéticos, com 1,49 milhão que corresponde 12,9% do total mundial que é de 11,5 milhões. As cirurgias mais realizadas no Brasil foram lipoaspiração e colocação de próteses mamárias. O país também é líder quando o assunto é rinoplastia e abdominoplastia. Entre os procedimentos estéticos o destaque é a aplicação da toxina botulínica. O volume é o segundo maior do mundo, com 308.185 procedimentos realizados.¹

A problemática de investir no corpo não é de hoje, apesar de nos dias atuais o foco ser outro. Foucault (2010) observa que o corpo foi objeto de investimento desde a época clássica, só que na modernidade houve outro interesse que “não é mais elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas economia”. Na sua opinião “o capitalismo socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força da produção, força de trabalho”(Foucault, 1979, p.80).

O corpo sempre foi e ainda é um recurso importante – alternativo – do qual o indivíduo dispõe para conseguir certas coisas das quais não teria acesso dada as condições sociais e econômicas que foi submetida dentro da sociedade excludente, machista, racista, homofóbica, violenta e classista que criou-se. Dado isso, muitas pessoas o utilizam como último recurso para poderem ter acesso aos espaços, materiais, relações afetivas ou não, mercado de trabalho formal, assim como informal, dentre outras .

Portanto, o corpo adequado, remodelado, trabalhado, jovem, saudável etc., se torna um recurso estratégico – um tipo de capital social que se for bem usado, pode proporcionar outros capitais, quer seja político, econômico, bem como cultural – para as pessoas que não possuem outros recursos necessários para a

¹Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2014/07>

sobrevivência nas sociedades capitalistas. De acordo com Dallo et al (2011), numa sociedade influenciada ao consumismo, o corpo também é vendido e comprado. Ele também serve como um objeto de consumo e para consumo.

A dinâmica da sociedade capitalista condiciona, ou melhor dizendo, determina o modo como deve-se conduzir a vida. No entanto, estas formas geralmente têm poucas opções e, para melhor controlar a massa, são dadas em formas de pacotes prontos que trazem receitas do tipo: hábito alimentar saudável, lazer adequado, tipos de roupa adequado para cada ocasião, corpos adequados para usar estas roupas, tipo de casa que determina sutilmente a quantidade dos membros da família apropriado, entre várias outras coisas. Vale sinalizar que estas receitas mudam de uma época à outra, por se tratar de uma estratégia de incentivo ao consumo dos produtos produzidos pelo sistema, o que implica na adaptação e readaptação de modo de viver das pessoas.

O uso da CPE como principal meio para adequar o corpo teve dois momentos, marcados por públicos diferentes. Primeiramente esta técnica foi submetida exclusivamente à classe alta, as elites que se submetiam e ainda se submetem a esta intervenção em busca de uma aparência física aceitável – “boa” estética – nos meios sociais em que frequentam, o que lhes tornaria mais acessíveis, podendo, com isso, aumentar o grau de aceitação dentro do seu círculo. Por um longo período de tempo, esta prática ficou reservada a esta classe. De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) “inicialmente este tipo de procedimento era muito caro e reservado para elites ricas ou atores de Hollywood.”

É possível afirmarmos que esta classe serviu de “cobaia” desta técnica, por ser primeira a beneficiar dos seus resultados positivos, entretanto, não deixou de ser primeira a experimentar as sequelas por ela causada.

No segundo momento, a técnica se estendeu à classe popular. Acredita-se que dentro desta classe – que neste trabalho dividiu-se em duas partes: baixa e média – a procura pela CPE se dá por dois motivos aparentemente diferentes, mas que se resumem num só: a busca pelo acesso aos benefícios coisas. De um lado, há aquelas que a procuram como estratégia para acessar coisas que não conseguem por outros meios, ao passo que outras a procuram para aumentar as suas

capacidades, ou melhor dizendo, raio de acesso. Trata-se das classes baixa e média – que são foco deste trabalho – respectivamente.

É inegável que no Brasil atual, mulheres com corpo dentro do padrão socialmente construído abrem uma certa vantagem em relação às que estão fora dele, quando se trata de possibilidade de acesso, quer nas vagas de emprego formal ou informal, nas relações afetivas ou não e, entre outras coisas.

Em relação às vagas de emprego, uma pesquisa feita pelo Instituto Data Popular, aponta que mulheres bonitas tem mais chances profissionais. Segundo Renato Meirelles, presidente do Instituto Data Popular:

Existe uma sociedade machista no mundo corporativo que influencia no processo seletivo e na promoção. Muitas vezes, a aparência acaba sendo mais relevante do que a própria qualificação profissional².

Em relação aos relacionamentos afetivos – lucrativos, isto é, com homens economicamente poderosos –, numa das suas entrevistas, a diretora da primeira e única agência no Brasil “*Heart Hunter*” que significa “caçador de coração” traz detalhes importantes a respeito. Esta afirma:

Prestamos serviço de encontrar mulheres para uma relação afetiva com homens ricos. Estes por serem ricos, exigem que a possível namorada seja portadora de um certo perfil, por exemplo: outro idioma além de português, curso superior, faixa de idade, cor da pele, de cabelo, de olhos, altura, peso, medidas etc., ou seja, exigem um padrão de estética idealizado. A empresa tem um banco de dados onde as mulheres interessadas nos homens ricos cadastram os seus perfis completos (...). ‘Se não tiver no nosso banco o perfil da mulher solicitada, acionamos os

² Disponível em: <http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2014/05/pesquisa-aponta-que-mulher-bonita-tem-mais-chances-profissionais.html>

nossos olheiros em diferentes lugares para tentarem achar o mais rápido possível, mas isso implica no aumento do dinheiro por parte do solicitante. Ao encontrar, fazemos entrevista com a pessoa para confirmar se as informações são verdadeiras, sendo verdadeiras, marcamos encontro com o solicitante, de lá em frente, ambos se resolvem³.”

Estas falas revelam de forma indireta o que possa ser um dos motivos das buscas femininas pela CPE. Por outro lado, relatam sobre dilemas e desafios de acessar por parte das mulheres cujo corpo está fora do padrão.

Diante desta problemática, resolveu-se entrevistar mulheres que já se submeteram alguma intervenção, quer ela cirúrgica ou não, mas que tenha a finalidade estética, com os seguintes objetivos: a) analisar nas suas falas, nos silêncios e nas reações, quais outras possíveis motivações estão por detrás da acirrada busca pela cirurgia plástica estética; b) quais aspectos compõem o perfil do corpo/aparência que buscam alcançar; e c) qual, entre estes aspectos, é o mais indispensável.

A pesquisa revelou o que realmente está por detrás da incontornável busca feminina pela CPE e foi possível compreender que estas pessoas não se submetem a estes procedimentos por “livre” vontade, mas existe uma estrutura que as condicionam a esta prática, ou seja, trata-se de uma biopolítica. Também foi possível descrever os detalhes dos aspectos que compõem o corpo exigido pelo sistema e o elemento mais importante, ou melhor, mais visibilizado deste corpo.

O resultado do trabalho está apresentado em um artigo que traz os detalhes daquilo que foram as conversas com as

³

Disponível

em:

<http://entretenimento.band.uol.com.br/aliga/2016/videos/programas/bilionarios/1583447>.

peças entrevistadas. Este se intitula: **O Enigma por detrás da Busca Feminina pela Cirurgia Plástica Estética no Brasil Contemporâneo**.

Objetivou-se descrever quais as motivações por detrás da busca feminina pela CPE e como a estruturação do sistema capitalista induz estas pessoas ilusória e coercitivamente à esta prática, por último, pontuar as características que compõem o perfil do corpo feminino ideal no Brasil contemporâneo e dos agentes envolvidos na construção da ideia deste corpo ideal.

É importante destacar que optou-se em debruçar a respeito da CPE feminina em vez da masculina ou de ambos pelo fato de que, no Brasil, as mulheres ainda lideram com uma larga margem de distância a submissão às intervenções CPE se comparadas aos homens, apesar de que nos últimos cinco anos, obteve-se um aumento considerável entre os homens. De acordo com a Sociedade Brasileira da Cirurgia Plástica (SBCP), “a participação dos homens aumentou de 12% para 22,5%. Este crescimento é de porcentagem, mas em número bruto é maior ainda”.

A noção do feminino que orientou esta pesquisa, vai além do comum, ou seja, desafia o habitual padrão biológico que considera apenas como feminino os corpos que biologicamente nascerem com vagina. Acredita-se que esta designação do que é feminino/masculino, não é uma questão de ordem natural, mas sim, uma construção social, portanto, para esta pesquisa, entende-se como feminino, todas as pessoas – os corpos – que por uma questão social, política e cultural, se consideram femininos, independentemente das suas condições biológicas, como problematizado pela filósofa estadunidense Judith Butler em Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade (2003) um dos seus livros e, também pelo sexólogo e historiador estadunidense Thomas Laqueur em seu livro intitulado: Inventando o Sexo (2001).

1.1 BIOPOLÍTICA

O conceito da biopolítica foi referido pela primeira vez por Foucault em uma conferência proferida no ano de 1974 no Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual de Rio de Janeiro (IMS/UERJ), intitulado “Nascimento da Medicina Social” – traduzida e publicada cinco anos depois – na qual entre várias

outras coisas, o autor falou sobre o deslocamento estratégico do poder, isto é, a passagem do poder soberano ao poder disciplinar. Para este autor, o controle da sociedade sobre os indivíduos não se procede meramente pela consciência, ou pela ideologia, mas também, no corpo, com o corpo. Pois foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica, a medicina é uma estratégia biopolítica (Foucault, 1989).

Entretanto, Foucault voltou a falar deste assunto em dois momentos diferentes: primeiramente na *Vontade de Saber*, quinto capítulo, no qual aborda detalhadamente o conceito do biopoder, por oposição ao direito da morte que caracteriza o poder soberano; segundo momento foi nos cursos de *College de France*, dos anos: 1975 – 1976, na qual dedicou a problemática da guerra das raças e das suas relações com biopoder; 1978 – 1979 sobre segurança, território e população; e nos anos de 1978 - 1979 dedicado ao nascimento da biopolítica (CAPONI, 2004).

O nascimento da biopolítica possibilitou o controle dos corpos, ou seja, uma gestão coletiva das massas por meio da disciplina, tendo a vigilância e punição como seus mecanismos centrais para adestrar e docilizar o sujeito, pois só assim o Homem adequaria as normas estabelecidas no processo de produção e só por meio de uma tecnologia disciplinar do corpo, seria possível construir um sujeito dócil e útil.

Foucault (2010) acredita que se a dominação capitalista fosse baseada somente na repressão física violenta – como fazia o Estado com os cidadãos – ela não se manteria por muito tempo, por isso se propõe uma outra técnica. Segundo este autor:

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar 'disciplinas'. Muitos processos disciplinares existem há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram, no decorrer dos séculos, XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. Diferentes da escravidão, pois

não fundamentam numa relação de apropriação dos corpos; é até a elegância da disciplina dispensar essa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade, pelo menos igualmente grandes (FOUCAULT, 2010, p. 133).

Com o processo que Foucault chamará de “fabricação dos indivíduos máquinas” – indivíduos esses que mais tarde substituíram nas fábricas os camponeses dos corpos inaptos - foi possível “fabricar” não só sujeitos com mais habilidades, mas também, sujeitos obedientes (submissos) e, principalmente sujeitos úteis. De acordo com este autor, a disciplina é técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. É um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente (FOUCAULT, 2010, p. 164).

Sem o nascimento da biopolítica (enquanto dispositivo de poder) e da medicina moderna ocidental, não seria possível que o capitalismo se consolidasse “facilmente” no nível em que se encontra. É a partir desta noção da biopolítica, enquanto estratégia de dominar, adestrar, gerenciar e transformar corpos em algo útil para finalidades econômicas a serviço do capitalismo, que analisou-se os resultados desta pesquisa. Pois, parte-se da ideia de que a CPE feminina nos dias atuais, configura-se como uma estratégia biopolítica.

2 CIRURGIA PLÁSTICA

O nascimento da Cirurgia Plástica (CP), se deu na idade antiga, por volta do século IV a.C. Neste século teve um grande desenvolvimento da CP, principalmente a *rinoplastias*, tendo em conta a necessidade que havia. Esta prática aconteceu no território onde atualmente está situada a Índia.

De acordo com a Sociedade Brasileira da Cirurgia Plástica (SBCP):

Muitos procedimentos realizados hoje já eram descritos em textos conhecidos como *shushruta samhita*. Um exemplo é a técnica que usa pele da testa para reconstrução nasal, usada inicialmente para restaurar a aparência de pessoas que tinham narizes cortados como punição por crimes. Apesar de este tipo de condenação não ser mais comum, o procedimento ainda é bastante utilizado por pessoas que perderam todo ou parte do nariz por causa de cânceres, traumas ou uso de cocaína, por exemplo.

Na idade média, concretamente no século XIII, começaram a surgir as primeiras escolas de medicina que forneciam ensino “verdadeiro” e diploma. Na primeira metade deste século (1222) foi criada a universidade de Pádua (Itália) que revelou grandes professores com altos conhecimentos em anatomia e cirurgia, entre eles destaca-se Giambattista Morgagni, Andreas Vesalius, Fabricius d’Acquapendente e Gabriel Faloppio.

No início do século seguinte, isto é, no século XIV, a escola francesa ganhou visibilidade com destaque de dois cirurgiões: Henri de Mondeville (1260-1320) e Guy de Chauliac (1300-1368). Este segundo publicou no ano de 1363 uma das suas importantes contribuições ao mundo da CP, na qual dizia que todos os artesões deveriam conhecer o assunto em que trabalham, caso contrário, errariam em suas obras, ou seja, os cirurgiões deveriam conhecer necessariamente e muito bem a anatomia.

Ainda na idade média, Francisco II da Sicília fundou a escola de Salerno, na qual lecionavam somente médicos vinculados à Igreja, a fim de que formassem médicos também

vinculados igreja.

De acordo com Tubino & Alves:

O médico assim formado devia pertencer à igreja e falar latim. Seu ensino tinha sido dogmático, ele se preocupava mais com a discussão teórica e citações de textos antigos. Qualquer ação manual era considerada desonrosa e significava perda da autoridade. Como homem da igreja não poderia derramar sangue. Recusava-se a qualquer ato cirúrgico, deixando-o para os inferiores: os barbeiros cirurgiões, que eram simples operários, iletrados e leigos.

(ALVES, TUBINO, 2009, p. 3)

Na idade moderna, a partir do século XVI, com o fim do regime feudal, cuja uma das suas consequências para Igreja foi a perda do poder político que possuía, o mundo, principalmente a Europa, poderia viver um novo período, podendo ter certa liberdade para fazer algumas coisas que outrora eram proibidas pela igreja. Em consequência disso, desenvolveu-se as novas formas técnicas da cirurgia, com o desenvolvimento da anatomia e da fisiologia.

A CP encontra-se dividida em dois ramos diferentes: Cirurgia Plástica Reconstrutiva (CPR) e Cirurgia Plástica Estética (CPE). Estas duas subáreas se justificam por meios diferentes, mas têm em comum o mesmo fim. Vale sinalizar que a CPR começou a ser praticada primeiro, para depois passar-se a praticar a CPE, ou seja, esta segunda foi inspirada na primeira. Mas não há consenso de uma clara diferença entre elas.

Cada entidade desta área faz a sua definição, por exemplo, a definição adotada pela Associação Médica Americana, segundo RANKIN et al. (apud BAIMA, 2007, p. 29):

Considera-se cirurgia estética aquela realizada para aperfeiçoar as estruturas normais do corpo com intenção de aumentar a atratividade do indivíduo e a sua autoestima. Por sua vez, a cirurgia reconstrutiva ou reparadora é executada sobre as estruturas anormais do corpo,

causadas por problemas congênitos, do desenvolvimento ou crescimento, traumatismos, infecções, tumores ou enfermidades. É realizada, sobretudo, para aprimorar a função, embora também possa ter como objetivo melhorar o aspecto físico do indivíduo. A dicotomia entre estética e reparadora é alvo de frequentes críticas e contestações. Se considerarmos o “aspecto psicológico” da cirurgia estética ou a constante busca do aperfeiçoamento estético na cirurgia reparadora veremos a dificuldade de delimitar a fronteira entre as duas.

Enquanto que para SBCP, as CPR são realizadas nas estruturas anormais do corpo, cujas anomalias podem ser devido a traumatismo, infecção, defeitos congênitos, doenças, tumores ou ainda no desenvolvimento. Segundo esta entidade:

Normalmente realiza-se este tipo de cirurgia com o objetivo de melhorar a função, podendo no entanto, ser igualmente realizada para proporcionar ao paciente uma aparência que se aproxime o mais próximo possível do normal.

2.1 CIRURGIA PLÁSTICA RECONSTRUTIVA

Este caráter da cirurgia voltou a ser praticado massivamente no século XX, após o término da I Guerra Mundial e, principalmente, no fim da II Guerra Mundial.

Após estas guerras, muitos soldados sobreviventes voltaram com lesões em diferentes regiões do corpo, principalmente no rosto, com a necessidade de intervenções médicas capazes de minimizar os danos.

De acordo com SBCP:

O grande número de feridos exigiu soluções inovadoras para restaurar suas vidas. O pai da cirurgia plástica moderna, Sir Harold Gilles, percebeu que as feridas precisavam ser fechadas com tecido de outros lugares para restabelecer funcionalidades corporais e

dar uma aparência mais “normal” para que os soldados pudessem retomar suas vidas. Para atingir este objetivo, Sir Gilles utilizou enxertos e retalhos (o movimento de tecidos de um local para o outro, mantendo a irrigação de sangue original) de pele. {...} refinaram estas técnicas em soldados feridos durante a II Guerra Mundial, ferimentos que deixariam estas pessoas desfiguradas e sem funções básicas do corpo, como fechar os olhos ou a boca. Estes são exemplos clássicos da cirurgia plástica reconstrutiva.

Esta ideia é confirmada por um especialista nos impactos da I Guerra Mundial na cultura e na arte. LUBIN (2008) afirma que este evento teve papel essencial na consolidação e evolução do ramo da CP, pois gerou a necessidade de avanço nas técnicas de reconstrução.

Portanto, a CPR se aplica fundamentalmente no processo de reparo das deformidades físicas, sempre que for possível, – que também impactam na saúde mental das pessoas – sejam elas de nascença, ou situações que ocorreram ao longo das suas vidas provocadas por algumas doenças, ou pelo acidente.

2.2 CIRURGIA PLÁSTICA ESTÉTICA

Considera-se que esta modalidade de cirurgia se realiza com a finalidade de remodelar as estruturas naturais de corpo e, fundamentalmente para melhorar – se assim pode-se dizer – as aparências físicas.

De acordo com SBCP:

Uma vez que perceberam que poderiam manipular tecidos para curar feridas devastadoras e restaurar uma aparência “normal”, os cirurgiões plásticos começaram a manipular tecidos em pessoas “normais” para buscar uma aparência melhor, criando assim a cirurgia plástica estética.

Entre as décadas de 1940 a 1950, as CPE mais comuns são *rinoplastias* e *facelifts*. Mas, ao longo do tempo, isto é, nos

dias atuais, com evolução desta técnica, segundo a SBCP é “possível manipular qualquer parte do corpo em busca da melhora”. Atualmente, a “mamoplastia do aumento é a intervenção mais popular no mundo da CPE”, segundo informa a SBCP.

A CPE não foi bem recebida pela sociedade como um todo ao se tornar um produto de consumo do sonho das elites, principalmente quando começou a ser praticada nos países até então chamados de terceiro mundo, como por exemplo, os países da América Latina, influenciados pelo cinema e seus atores/atrizes norte-americanos. Entre as décadas de 1950 a 1960 houve uma forte discriminação desta prática por parte da academia.

Esta situação levou Mario Gozález-Ulloa, médico cirurgião e fundador da *La Asociación Mexicana de Cirugía Plástica, Estética y Reconstructiva*, a publicar no ano de 1966 um manifesto, no qual disse o seguinte:

“Eu protesto contra o termo “cirurgia cosmética que demos para nossa especialidade porque “cosmético” é um termo de adorno pessoal ou de embelezamento da pele ou cabelo, e não conota o nível técnico, artístico e dos princípios filosóficos da nossa profissão... Eu protesto contra a falta da apreciação acadêmica dos valores estéticos na cirurgia plástica... Eu protesto contra atitude hipócrita de cirurgião plástico que se envergonha de reconhecer abertamente a importância da estética em sua especialidade... Eu protesto contra ausência de metas definidas para quais poderíamos direcionar nossos esforços para o avanço e perfeição da cirurgia estética... Eu protesto contra a visão limitada daqueles cirurgiões que estão satisfeito em modificar aspectos isolados sem atentar para beleza do indivíduo como um todo, cuja restauração ou criação deveria ser nossa função... Eu protesto contra aqueles que ignoram o valor da beleza como um elemento integral das inspirações humanas... Eu protesto contra ausência em nossos programas de ensino o

estudo e a apreciação da beleza... Eu protesto contra nossa indiferença para com o paciente em ajudá-lo a confrontar sua imagem interior com sua real aparência... Eu protesto contra a ignorância, indiferença ou falta de percepção no entendimento da beleza humana... Eu protesto contra o conhecimento e da filosofia da beleza, da estética e das artes como um contra-ponto vital das nossas habilidades técnicas... Eu protesto contra a falta geral do entendimento de quão importante a aparência física pode ser e o quanto seu prejuízo pode inibir a real personalidade do indivíduo que procura nosso entendimento, conhecimento e perícia na sua necessidade de viver uma vida completamente integrada. Além disso, penso que um cirurgião plástico que não pode enfrentar nenhum desafio técnico não é cirurgião, e um cirurgião que não pode entender e resolver um problema estético não é um cirurgião plástico”⁴ (apud HAGE, 2002).

Apesar de já ter passado meio século, o discurso do prestigiado cirurgião plástico mexicano Mario Gozález-Ulloa faz presente nos dias atuais. Vale sinalizar que este manifesto foi fundamental em ajudar na quebra do “preconceito em relação à CPE” mas, ainda é observável a resistência em aceitar a CPE. Algumas escolas de CP ainda não enfatizam a técnica da CPE.

2.3 CIRURGIA PLÁSTICA NO BRASIL

Acredita-se que o nascimento da CP no Brasil foi na primeira década do século XIX, com a criação das escolas de cirurgia na Bahia e no Rio de Janeiro, com quatro anos de duração dos cursos, tornando-se assim, primeiras escolas de curso superior no país. Em 1815 estas escolas foram elevadas à categoria de Academia de Medicina e Cirurgia, deste modo, os cursos passaram a durar seis anos. Em 1842, foram publicados

⁴ Disponível em: <http://journals.lww.com/plasreconsurg/toc/2002/09150/> / acessado dia 31 de Maio de 2017.

os primeiros trabalhos relativos à cirurgia plástica – o que não quer dizer que não tenham realizado cirurgias plásticas antes – provenientes da Bahia e Rio de Janeiro.

De acordo com Thomaz (2010), foram publicados trabalhos de temas variados, entre os quais cita-se:

“Considerações sobre o lábio leporino”, Joaquim Januário Carneiro (1842); “Considerações sobre rinoplastia”, João Baptista Lacerda (1843), “Diferentes causas de destruição dos lábios e paredes laterais da boca”, Pedro A. Vieira da Costa (1852), “Do princípio nervoso da queiloplastia e genoplastia”, Alexandre Mendes Calasa (1853), “Operações que reclamam as lesões dos lábios”, José Soriano de Souza (1860)⁵.

Entre as duas primeiras décadas do século XX, foram abertos outros centros médicos no país. Em Porto Alegre – RS (1899); Belo Horizonte – MG (1911); Curitiba – PR (1912); São Paulo – SP (1913); e em Belém – PA (1919). Com a abertura destes novos centros, aumentou a produção cirúrgica a nível nacional, mais a Bahia e o Rio de Janeiro ainda lideravam as produções, como mostra Thomaz (2010):

Tratamento da ozena e das deformações do nariz”, Bueno de Miranda, São Paulo (1909); “Sobre o quelóide”, José Augusto Godinho, Rio de Janeiro, (1910); “Tatuagem e destatuagem”, Estevão Junot Barreiros, Porto Alegre, (1913); “Do tratamento do entrópio cicatricial e da triquiíases pelo processo de Lagleyse”, Lourenço Jordão, Porto Alegre, (1915); “Cirurgia estética”, José Rebello Netto, São Paulo (1915); “Correção dos genitais de um paciente hermafrodita”, David Rabello, Minas Gerais (1917); “Granuloma venéreo urceroso da boca”, Raul David de Sanson, Rio de Janeiro (1917); “Defeitos congênitos do lábio leporino”, “Autoplastias

⁵ Disponível em: <http://cirurgiaplasticaa.blogspot.com.br> / acessado dia 01 de Abril de 2017.

reparadoras da face”, Heitor Pragner Froes, Bahia (1922); “Generalidades da cura da fealdade”, Renato Kehl, São Paulo (1923); “Plástica nasal – Implantação da cartilagem do septo”, Raul David de Sansom, Rio de Janeiro (1926); “Cirurgia estética”, Desidério Stapler, São Paulo (1926); “Cirurgia plástica da face”, Renato Machado, Rio de Janeiro (1929) entre muitos outros.

A Europa era o destino da maioria dos cirurgiões brasileiros da época, em busca de aperfeiçoamento das suas técnicas na cirurgia, assim como nas outras áreas da medicina. Alguns se dedicaram a CPE, como é o caso do notável cirurgião plástico considerado um dos pioneiros da CPE no Brasil, Dr. Antônio Pires Rebelo que na “década de 1930, ao voltar da Europa montou no Rio de Janeiro uma clínica que denominou de Academia Científica de Beleza, voltada principalmente à dermatologia estética” (THOMAZ, 2010, p.).

Ainda na década de 1930, o cirurgião José Rebello Netto fundou, em São Paulo, a primeira clínica específica de CP, vinculada à Santa Casa de Misericórdia. Seu interesse por esta especialidade pode ser notado em sua tese defendida em 1915, intitulada de “Cirurgia Estética”. De acordo com Thomaz (2010) esta seria considerada o marco inicial da especialidade no Brasil. Porque começou a propiciar a formação de especialistas na área, o que até então não acontecia, apenas a difusão da especialidade. Do ano de 1930 em diante, foram criados diversos serviços públicos e privados de CP.

Nos finais da década de 1930, o Brasil já era reconhecido a nível regional e internacional no campo da CP. Esta notoriedade trouxe o argentino Ernesto Malbec (1903 - 1991) ao Brasil com a proposta de criação de uma entidade que congregasse especialistas em CP. Ao abraçar a ideia de Malbec, Antônio Prudente passou a liderar o movimento que culminaria com a criação da Sociedade Latino Americana de Cirurgia Plástica, em Julho de 1940. Um ano depois, isto é, em Julho de 1941 foi realizado o I Congresso Latino Americano de Cirurgia Plástica que correu simultaneamente entre São Paulo e Rio de Janeiro, presidido pelo Antônio Prudente.

Após 37 anos da sua fundação, em 1974, Portugal e Espanha juntaram a esta entidade que estava congregado na cidade de Caracas, capital venezuelana. A partir de então a entidade foi renomeada como Federação Ibero Latino Americana de Cirurgia Plástica (THOMAZ, 2010).

No ano de 1948, oito anos depois da fundação da Sociedade Latino Americana de Cirurgia Plástica, depois de renomeada de Federação Ibero Latino Americana de Cirurgia Plástica, foi fundada, em São Paulo, a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), sob a iniciativa do Rebello Netto, que também foi o seu primeiro presidente com mandato de dois anos, entre 1948-1950. A entidade passou a ser órgão máximo na especialidade, conferindo títulos, criando regras da categoria, entre outras questões, funções estas que desempenha até os dias atuais.

Entre as décadas de 1930 e 1950, teve-se um avanço considerável no campo da CP. Foram criadas vários serviços e escolas que recebiam tanto alunos nacionais como internacionais. Além de abrir o serviço de CPR na Santa Casa de Misericórdia no Rio de Janeiro sob sua chefia no ano de 1954, o renomado cirurgião Ivo Pitanguy abriu aquela que se tornaria uma das melhores escolas de CP no Brasil, formando discípulos hoje distribuídos mundo a fora.

Pitanguy não desenvolveu as suas habilidades só no Brasil, mas também na Europa e nos Estados Unidos da América (EUA), especificamente na década de 1940. As suas habilidades e dos seus contemporâneos – também dos seus discípulos – elevaram a qualidade da CP do Brasil no plano internacional, espaço que este ocupa até os dias atuais.

Acredita-se que o Brasil, por ser um país tropical, repleto de praias, proporciona um ambiente para exibição do corpo, não de qualquer corpo, mas de um corpo aceitável na contemporaneidade, isto é, um corpo jovem, bem trabalhado sob medida para sua dona. Isso reflete algumas possibilidades de uso do corpo feminino na contemporaneidade, assunto explorado no capítulo seguinte.

3 CORPO E AS SUAS POSSÍVEIS UTILIDADES NA CONTEMPORANEIDADE

A modernidade representa um importante período na história da humanidade. Os avanços que a civilização humana alcançou, desde o início do século XVI até os dias atuais, são mais significantes para vida dos Homens, se comparados às conquistas obtidas entre a pré-história e as idades antiga e média. A grande revolução nas diferentes tecnologias e na ciência, possibilitaram vários avanços, por exemplo no campo da saúde, o controle de algumas doenças que outrora provocavam grande quantidade de óbitos, encurtando o tempo de vida das pessoas etc., na ciência, o nascimento de algumas das ciências sociais, como é o caso da sociologia, que possibilita compreender a vida das pessoas na sociedade, suas necessidades, habilidades, sua forma de se relacionar com outros, entre outras coisas.

Este período também proporcionou ao ser humano a capacidade de refletir sobre as suas habilidades artísticas e filosóficas, podendo, com isso, expressar-se de diferentes maneiras. Acredita-se que é neste momento que o Homem se descobriu enquanto um ser portador de um corpo capaz de ser utilizado para diversas atividades de naturezas distintas em seu próprio benefício, seja ele econômico ou não.

A sociedade moderna é marcada por várias questões, algumas “vantajosas”, entretanto, outras são “desvantajosas”, como por exemplo, é pouco observável nesta sociedade a ideia de “nós somos e temos” que pensa no coletivo, passou-se a verificar com mais frequência a ideia de “eu sou e tenho” baseada num puro individualismo, influenciado principalmente pelo sistema capitalista.

No último e no atual século (XX – XXI), com o desenvolvimento das técnicas da Cirurgia Plástica Estética (CPE) e a revolução do cinema e da qualidade das imagens na TV, começou-se a assistir à plantação das sementes daquilo que mais tarde se tornaria num problema social. Trata-se do *narcisismo*, no sentido amplo da palavra, isto é, a valorização da imagem pessoal corporal como um elemento importante da identidade da pessoa.

Alguns pensadores contemporâneos, entre os quais destacam-se (CODÓ; SENNE 1985; NOVAES, 2003; e

BAUMAN, 2001) já discutiram, quer direta ou indiretamente, a questão do *narcisismo* na sociedade contemporânea, um individualismo de auto-adoração da imagem, que implica numa busca calorosa por um corpo cada vez mais lindo, agradável por meio da CPE e das outras técnicas. No entanto, é importante destacar que não existe um consenso do perfil de um corpo lindo, apesar de existir uma que é predominante. Se para umas o corpo lindo é aquele magro, jovem remodelado por meio da CPE (ideia dominante), para outras corpo lindo é aquele marcado (tatuado) dos acontecimentos considerados importantes, independentemente de ser ou não magro, jovem, etc.

Portanto, o corpo na modernidade, principalmente o corpo feminino, como observado antes, é um importante recurso à disposição da sua dona, que pode ser utilizado para diversas finalidades, como é apresentado em seguida.

3.1 CORPO COMO CAPITAL

Analisar o corpo feminino como capital requer uma boa explicação que implica em definir de forma cognoscível qual conceito de capital está sendo aplicado para análise em curso.

O conceito de capital, assim como outros conceitos, varia de uma época para outra e, principalmente, entre as áreas do conhecimento. A palavra provém do latim, *capitālis*, que deriva do termo *caput* que significa cabeça. Portanto, trata-se daquilo que é relativo, ou que pertence à cabeça. No cristianismo o conceito tem relação com os setes pecados capitais e também com a pena capital, isto é, pena de morte. Mas não se pretende adentrar nesta discussão, visto que não é oportuno.

No campo das ciências econômicas, o termo ganha outro significado bem distante do recém referido. Segundo o dicionário do pensamento marxista, a palavra capital “é geralmente usada para descrever um bem que um indivíduo possui como riqueza” (BOTTOMORE, 2013, p. 78). Ao longo do tempo esta definição foi ampliada, englobando outros elementos. Segundo a mesma fonte:

A ciência econômica burguesa amplia ainda mais o uso da expressão, entendendo-a também como, qualquer bem, de qualquer tipo, que possa ser usado como fonte, ainda

que apenas potencialmente. Assim, uma casa poderia ser parte do capital de uma pessoa, ou mesmo um conhecimento especializado que lhe permitisse obter maior renda (capital humano). De modo geral, portanto, capital é um bem, que pode gerar um fluxo de renda para seu dono (BOTTOMORE, 2013, p. 78,79).

Partindo do último trecho desta citação – de modo geral, portanto, capital é um bem, que pode gerar um fluxo de renda para seu dono– pode-se perceber que no final, capital é qualquer bem, recurso do qual um indivíduo possui, desde que este possa o gerar renda, independentemente da quantidade e da forma como usá-lo para gerar esta renda. Portanto, o corpo enquanto um recurso valioso, um bem, pode ser considerado como capital. Por exemplo, o requisito básico para ser modelo é ter um corpo, mas não qualquer corpo, um corpo aceitável, comercial, capaz de vender, produzir renda tanto para sua dona quanto como para o seu contratador. O mesmo exemplo cabe aos fisiculturistas, já que as suas atividades são baseadas na exibição do corpo, que também não é qualquer corpo.

As possibilidades de utilização do corpo para gerar renda não se esgotam somente à profissão de modelo ou de fisiculturista, mas se estende ao mercado da prostituição –uma das profissões mais antigas do mundo – seja formal, ou informal, direta ou indiretamente, por homens ou mulheres. Nesta atividade, ou profissão, se assim desejar, o corpo é principal produto de consumo em jogo, quanto mais um corpo se encontra em ótimo estado de conservação, mais interesses desperta e, conseqüentemente, mais renda gera. Por isso que, remodelar o corpo ao padrão vigente, ainda que socialmente construído, este corpo gera um fluxo de renda considerável, se comparado aos outros corpos.

O conceito de capital vai além do supracitado. Por exemplo, na sociologia, o capital pode ser encontrado em outras dimensões, tais como: social, político, cultural e humano. Acredita-se que o corpo não pertença a nenhum destes capitais, no entanto, se for bem usado, ele pode os proporcionar.

A noção de capital social foi muito utilizada dentro da sociologia para analisar assuntos de diferentes ordens. O

conceito ganhou notoriedade na sociologia estadunidense e, posteriormente, no cenário internacional, a partir do trabalho de COLEMAN (1988), sociólogo estadunidense, apontado como um dos principais nomes na disseminação deste conceito, apesar de não ser o primeiro a utilizá-lo. Após este, vários outros nomes - dentre os quais cita-se BAKER (1990), BURT (1992), PUTNAM (1996) - dedicaram a este conceito, usando-o de forma diferente, para tentar entender e explicar diferentes fenômenos sociais.

O termo foi referido formalmente pela primeira vez, pelo sociólogo francês, Pierre Bourdieu, numa “Notas provisórias”, publicadas nas *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, em 1980” (PORTES, 2000).

Bourdieu define capital social como:

Um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão vinculados a um grupo, por sua vez constituído por um conjunto de agentes que não só são dotados de propriedades comuns, mas também são unidos por relações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1980, p. 67).

O acesso a este grupo proporciona ao indivíduo benefícios tanto materiais quanto simbólicos, que o possibilita acesso aos recursos que garantam o capital econômico e capital cultural. Bourdieu (1980) observa que “os lucros que o pertencimento a um grupo proporciona estão na base da solidariedade que os torna possível” (p. 67).

De uma forma condensada, para Bourdieu (1980), o capital social é um ativo individual que determina a forma como as particularidades de vantagens extraídas do capital econômico que um indivíduo possui, adquirido por meio das redes de conhecimentos, de influências que ele estabelece ao longo da sua vida. Um pouco de capital econômico é fundamental para que o indivíduo possa inserir-se no grupo, mas a partir do momento que ele integra ao grupo, é criado um círculo virtuoso que o desprende da dependência do capital econômico. Isso porque, o capital social é capaz de gerar uma maior participação cívica, pois possibilita o indivíduo acesso as altas camadas do poder político, econômico, social e cultural da sociedade.

Sendo assim, um corpo dentro do padrão estético, se for

utilizado de forma estratégica e inteligente, ultrapassa os limites de simples capital para alcançar capital social que abra possibilidades para outros tipos de capitais.

As utilidades do corpo não se limitam apenas à produção de bens, ele é um espaço, um quadro em branco à disposição, um repositório para guardar memórias, é também, entre tantas outras coisas, uma tela disponível para uso de artista, enfim, um terreno fértil, como pode-se ver no item seguinte.

3.2 CORPO COMO TERRENO FÉRTIL

Acredita-se que o uso do corpo como espaço para registrar acontecimentos diversos não é algo exclusivo da sociedade moderna. Existem evidências no campo da antropologia e da história (Rodriguez, 2011) que dão conta de que estas práticas existem há muito tempo em diversas culturas. Muitas culturas utilizam o corpo como repositório para registrar os acontecimentos, ou melhor dizendo, maneira de marcar rituais de passagem, por exemplo, nascimento, puberdade, morte entre outras coisas. Mas, em outras realidades, cortes e pinturas corporais são utilizados como forma de embelezamento.

Num passado recente e nos dias atuais, principalmente na cultura ocidental, a forma mais presente de usar o corpo como espaço de expressão, de registro de acontecimentos, entre outras coisas é, por meio da tatuagem. Esta prática foi estigmatizada – conotação que ainda carrega, mas num grau menor – nos seus primeiros momentos, pois foi associada às pessoas consideradas marginais. Quando se trata da mulher, esta é vista como prostituta e esta acepção também se dá aos criminosos em geral. Esta associação, como observa Goffman (1988), criou condições sociais e culturais para o entendimento destas marcas corporais como estigma.

Houve uma “mudança” na concepção a respeito da tatuagem, hoje “não” mais estigmatizada como ontem, mas compreendida como uma forma artística de expressar e de construir a identidade corporal. É possível, nos dias atuais, observar pessoas de diferentes níveis sociais, econômicos e culturais com alguma parte do corpo – por menor que seja – registrada através da tatuagem, ou simplesmente expressando amor, afeto, ódio etc.

Na contemporaneidade, não é difícil encontrar docentes

universitários, médicas/os, advogadas/os entre outros trabalhadores das profissões consideradas de grande prestígio que possuem tatuagem, o que demonstra, em partes, a sua “aceitação”.

Em sua pesquisa com pessoas que possuem tatuagens na cidade de Rio de Janeiro, Rodriguez & Carreteiro (2014) encontraram respostas diferentes entre as entrevistadas, mas todas elas estão relacionadas a algum evento da vida, ou algum significado, como pode-se ver:

A primeira nasceu da necessidade de tatuar alguma coisa que falasse da minha identidade, o meu nome [abelha, significado de seu nome]. A segunda tinha a ver com o fim da faculdade e o desejo de sucesso [estrela], a terceira tinha a ver com a minha vida em geral, queria mais romantismo, delicadeza [rosa cercada de ores azuis]. É assim, né?! Cada tattoo sempre carrega a marca do momento que a pessoa estava vivendo quando decidiu fazer (p. 751).

A primeira [tatuagem] foi essa com o nome dos meus avós e da minha mãe ... porque são pessoas muito importantes na minha vida ... no caso dos meus avós foi mais por saudade ... porque eles se mudaram pra outro estado e estão longe de casa. Quero que eles continuem por perto, minha mãe também (p. 752).

Há pouco tempo fiz essa aqui no outro pulso. É um coração com o símbolo de reciclável, aquele que a gente encontra em embalagens de leite e tal, tá vendo?! Então, decidi fazer porque minha vida amorosa estava uma merda. Nunca dava certo e só sofria, quebrava a cara. Decidi encarar as coisas então que nem o Vinícius disse: “eterno enquanto dure”. Se acaba, aparece outro e tudo se renova. Reciclagem, entendeu?! Foi um jeito de também brincar e rir do que acontece comigo. No fundo, no fundo, queria não ter que reciclar meus amores, mas se

isso for o possível agora então é isso (p. 752).

Estas e outras falas revelam como o corpo, sendo um terreno fértil, pode ser cultivado em tempos e por motivos diferentes. É possível perceber que tatuar algum lugar do corpo geralmente não se trata de um projeto de vida, mas sim de os acontecimentos ao longo da existência que orientam a constante (re)construção da identidade do indivíduo.

Vale sinalizar que, em alguns casos, como o das pessoas que tatuam corpo inteiro, as motivações podem ir além dos pequenos acontecimentos e entrar numa escala maior, cujo objetivo é romper com a ideia de um corpo ideal e construir novas identidades individuais através das marcas (tatuagens) no corpo.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa possui caráter científico, de natureza descritiva com abordagem qualitativa por meio de um estudo de campo na área das Ciências Sociais em Saúde, que foi orientada a partir da perspectiva construcionista enquanto pressuposto epistemológico e metodológico.

4.1 CONSTRUCIONISMO SOCIAL

Afinal, em que consiste adotar uma postura construcionista numa pesquisa científica? Antes de tentar responder esta questão, mostra-se o que está sendo chamado de construcionismo social neste trabalho.

O construcionismo social, de grosso modo, se assim pode-se dizer, é uma forma filosófica “revolucionária” no sentido amplo da palavra, de fazer ciência, de descrever e explicar os fenômenos sociais do mundo em que vivemos. Alguns autores consideram que se trata de um “movimento que surgiu após segunda guerra mundial, período considerado por alguns historiadores e sociólogos de pós-moderno. O foco de questionamento e da crítica deste “movimento” é a forma de fazer ciência, ou seja, de produzir conhecimentos a respeito do mundo em que vivemos, adotado no período moderno que teve seu início no final do século XVI, após a queda do regime feudal, isto é, no fim da chamada idade média.

Esta postura filosófica desacredita da ideia de que existe uma verdade absoluta e universal capaz de dar conta de explicar os fenômenos sociais que nos rodeiam. É fácil encontrar em algumas correntes filosóficas da ciência moderna a ideia de uma verdade universal, ou de fórmula capaz de explicar os fenômenos do nosso mundo. Na perspectiva construcionista as sociedades não são naturais, mas sim, construções sociais, frutos de uma relação social, histórica, geográfica e cultural.

De acordo com SPINK (2010, p.13), para o construcionismo, entretanto, a verdade é a verdade de nossas concepções, de nossas instituições, de nossas relações, de nossos acordos sociais. A autora sustenta que outros autores que não se autodenominam de construcionistas compartilham desta ideia, entre eles, Edgar Morin (1985) e Pierre Bourdieu (1983).

Adotar esta postura para uma pesquisa científica nos dias atuais, em que a forma hegemônica de fazer ciência é moderna, implica em várias coisas. Segundo SPINK, implica primeiramente em:

Abdicar da visão representacionista de conhecimento que toma a mente como espelho do mundo; segundo lugar, implica adotar a perspectiva de que o conhecimento é algo que as pessoas fazem juntas. Conseqüentemente, resulta numa socialização do conhecimento que passa a ser algo que construímos juntos por meio de nossas práticas sociais e não algo que apreendo do mundo.(SPINK, 2010, p. 9, apud GERGEN 1985)

É bom sinalizar que, assim como outras posturas filosóficas, o Construcionismo compartilha de diversas maneiras de olhar as coisas, mas elas têm algo em comum, que é o objetivo subjacente de libertação daquilo que se tornou instituído.

Segundo Spink:

Existiria, assim, um substrato crítico-político nas pesquisas construcionistas. Basicamente, a postura construcionista é crítica do *status quo*: parte-se da premissa que X (sendo X um fenômeno social qualquer) não precisaria ter existido ou ser como é; não é determinado pela natureza das coisas; não é inevitável. É essa premissa que distingue a pesquisa construcionista. (SPINK, 2010, p.14, apud HACKING).

A partir deste posicionamento, fica evidente que a postura Construcionista tem, no seu interior, um pouco do relativismo. Se X não precisa ser necessariamente como é, isso significa que poderia ser de outro jeito, ou seja, vai depender do ponto de vista de cada indivíduo. Mas, aceitar X do jeito que é apresentado

significa admitir um certo grau de *culturalismo*⁶ e *ceticismo*⁷ diante daquilo que está socialmente instituído.

Por fim, Spink (2010), observa que as construções sociais das quais está-se falando, não são feitas voluntariamente pelos indivíduos, mas são consequências de interações sociais sustentados por matrizes complexas de instituições, pessoas e tecnologias de visibilidade.

4.2 PERFIL DA POPULAÇÃO ENTREVISTADA

A população desta pesquisa foi composta por doze pessoas, sendo que onze delas são mulheres, das quais dez já se submeteram algum tipo de intervenção CPE, exceto uma delas que fez a aplicação do silicone industrial no corpo com finalidade estética e, um homem. Nove destas pessoas são mulheres e três delas são transexuais. Das três transexuais, duas são mulheres transexuais e um é homem transexual.

Todas são moradoras da região da grande Florianópolis, com idade que varia entre 20 e 46 anos. Dez delas estudam na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – campus reitor João David Ferreira Lima/Trindade –, apenas uma não estuda nesta instituição. Das que estudam, nove estão na graduação, somente uma está na pós-graduação, em nível de mestrado.

Bourdieu (1997) sugere que o leitor seja situado de que lugar o entrevistado fala, qual o seu espaço social, sua condição social e quais os condicionamentos dos quais o pesquisado é o produto. Isso facilita o leitor a ter noção da posição do pesquisado.

⁶ É um ramo da antropologia nascido nos Estados Unidos da América que tenta uma descrição da sociedade sob a perspectiva combinada da antropologia e da psicanálise. Este constitui um dos ramos da sociologia que domina a sociologia estadunidense entre as décadas de 1930 e 1950.

⁷ Doutrina segundo a qual o espírito humano não pode atingir nenhuma certeza a respeito da verdade, o que resulta em um procedimento intelectual de dúvida permanente e na abdicação, por inata incapacidade, de uma compreensão metafísica, religiosa ou absoluta do real.

Inicialmente, optou-se em realizar entrevistas só com pessoas no universo da UFSC, mas, ao longo da pesquisa, viu-se a necessidade de abrir um pouco para conhecer outras opiniões.

4.3 CAMPO

Entende-se a pesquisa de natureza descritiva aquela que busca, de acordo com Triviños (1987) descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. Para Gil (2007) na pesquisa desta natureza pode-se encontrar vários tipos de pesquisa, entre as quais aquelas que buscam “levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” em relação a um determinado fenômeno.

Na opinião de Michel (2008) a pesquisa descritiva se propõe a verificar e explicar problemas, fatos ou fenômenos da vida real, com a precisão possível. Este tipo de pesquisa está relacionada à abordagem qualitativa. Esta relação se dá na medida em que a abordagem qualitativa levanta, interpreta e discute fatos e situações.

O estudo de campo identifica-se pelas pesquisas junto às pessoas de um determinado espaço, ou grupo, à respeito de um certo fenômeno. De acordo com Gil (2007) tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Para Michel (2008) este tipo de estudo é apropriado para questões dos indivíduos, grupos, comunidades, organizações e sociedades.

As entrevistas foram realizadas em locais diferentes. Nove delas ocorreram dentro da UFSC, em dias, horas e espaços diferentes dentro da instituição, considerados adequados pelas entrevistadas. As outras três envolvendo os sujeitos transexuais (duas mulheres e um homem) aconteceram na sede da Associação em Defesa dos Direitos Humanos (ADEH), que fica na região central de Florianópolis. Os locais, dias, horas para realização das entrevistas foram sugeridos pelas entrevistadas.

Todas as entrevistadas receberam com antecedência de no mínimo três dias, os detalhes de como serão as suas participações e, nos dias das entrevistas, minutos antes, todas

tiveram acesso ao roteiro de entrevista para terem conhecimento das questões que a elas seriam colocadas. Também puderam avaliar se concordariam ou discordariam com algumas das questões. Não houve nenhuma discordância, nem sugestão por parte das entrevistadas em relação as questões.

As entrevistas foram mediadas pelos pesquisadores, por meio de um roteiro previamente estabelecido, pois acredita-se que uma entrevista bem sucedida depende em grande parte do domínio do assunto a ser discutido, por parte do mediador, assim como das questões previstas no roteiro e do próprio objetivo da pesquisa.

A duração das entrevistas variou de 26 a 41 minutos, a média foi de 30 minutos e 7 segundos. Cada uma das entrevistas ocorreu num dia só e no tempo corrido, sem pausa, salvo uma delas que teve uma pausa para mudança de ambiente, isto é, de uma sala para a lanchonete, porque a entrevistada queria tomar café enquanto concedia entrevista.

Para conseguir entrevistar estas doze pessoas, foi necessário utilizar a técnica da bola de neve. Esta técnica consiste em começar as entrevistas com as primeiras entrevistadas que possam indicar outras possíveis participantes e assim sucessivamente. Geralmente ela se aplica quando se trata de uma população de difícil acesso, como é o caso da população desta pesquisa.

Vale sinalizar que, mesmo com aplicação desta técnica, não foi tão fácil conseguir este número de pessoas. Por outro lado, algumas pessoas indicadas se recusaram a participar, outros prometeram participar, mas não compareceram nos locais que elas mesmas indicaram.

4.4 TÉCNICA DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Por se tratar de uma pesquisa fundamentada na perspectiva construcionista, adotou-se a entrevista semiestruturada como principal técnica de coleta dos dados, por considerá-la como sendo mais adequada.

A entrevista é um processo da interação social entre duas ou mais pessoas, em que uma é emissor, a outra receptor. Na opinião do Richardson et al (2008) é uma técnica que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. Para Michel (2008) se configura como o encontro de duas pessoas, a

fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação.

De acordo com Gil:

A entrevista é uma técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com objetivo de obtenção dos dados que interessa a investigação. Também é uma forma de interação social, mais especificamente, uma forma de dialogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2008, p. 109).

Existem vários tipos de entrevista: aberta, fechada, semiestruturada entre outras. A entrevista semiestruturada, adotada para esta pesquisa, segundo Manzini (1991) tem como característica, questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Questionamentos estes que podem dar frutos à novas hipóteses a partir das respostas das entrevistadas. Este mesmo autor afirma que a entrevista semiestruturada “está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”.

Na opinião de Minayo (1994), a entrevista favorece a obtenção de informações através da fala individual, a qual revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e transmite, através de um porta-voz, representações de determinados grupos. Para Boni et al (2005) a entrevista semiestruturada é muito utilizada quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo, assim, um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

A entrevista semiestruturada tem uma excelência em particular, pois possibilita a entrevistada afalar de maneira “livre”, ajudando-a somente quando a intervenção for necessária para aprofundar e direcionar melhor seu raciocínio.

Utilizou-se dois tipos de recursos diferentes, porém complementares na recolha das informações: gravador de áudio e anotações no caderno de campo. Este primeiro se configura

como principal. O gravador teve a função de captar as informações verbalizadas pelas entrevistadas, ao passo que o segundo recurso, foi usado para anotar, ou seja, descrever os silêncios, lapsos, chiste, assim como, reações faciais e corporais.

A análise das informações coletadas no campo foi feita em dois momentos distintos, mas que se complementam. No primeiro momento, fez-se a transcrição parcial das entrevistas para levantar as categorias centrais de análise. De acordo com Manzini (1991), o momento da transcrição – seja ela parcial ou integral – representa uma experiência para o pesquisador e se constitui em uma pré-análise do material.

Após levantar as categorias de análise, elaborou-se a redação inicial, por meio da qual se fez a redação interpretativa, isto é, discussão dos resultados articuladamente com as teorias adotadas para cada uma das categorias analisadas.

Acredita-se que um trabalho bem planejado tem maiores chances de alcançar os objetivos dentro dos limites estabelecidos. Isto posto, seguiu-se o procedimento proposto e foi possível obter os resultados apresentados mais para frente.

4.5 QUESTÕES ÉTICAS

Sendo uma pesquisa que envolve seres humanos, a autorização para sua realização dentro da legalidade foi solicitada junto à Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC), conforme a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras sobre os princípios científicos e éticos da pesquisa. Foi apresentado um projeto com detalhes de como seriam conduzidas as entrevistas, pois é o único momento que a equipe de pesquisa teria contato direto com entrevistadas. O projeto seguiu todos os parâmetros exigidos pela entidade acima referida.

Todas as participantes tomaram conhecimento do nível de envolvimento e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), na qual se comprometeram a não receber nenhuma remuneração pela suas participações e a equipe de pesquisa comprometeu em manter a identidade de cada uma das envolvidas no mais rigoroso sigilo e, omitir todas as informações

que possibilitariam as suas possíveis identificações, assegurando, assim, as suas privacidades.

O projeto submetido foi apreciado pela CEPESH-UFSC que sugeriu o esclarecimento de alguns aspectos, entre os quais, o método que seria utilizado para contatar as interlocutoras. A solicitação foi atendida pela equipe de pesquisa, que esclareceu que este seria feita por meio de uma chamada pelo e-mail e pelas redes sociais em que a pessoa ofereceria participar voluntariamente. Após esclarecer as explicações solicitadas pela CEPESH-UFSC, o projeto foi aprovado.

5 RESULTADO

O ENIGMA POR DETRÁS DA BUSCA FEMININA PELA CIRURGIA PLÁSTICA ESTÉTICA NA CONTEMPORANEIDADE

Davi Nbundé
Rodrigo Moretti
Sandra Caponi

RESUMO: Este artigo objetivou descrever, a partir das falas, dos silêncios e das reações das entrevistadas, quais as motivações estão por detrás da busca feminina pela Cirurgia Plástica Estética (CPE) no Brasil contemporâneo e quais as características que compõem o perfil do corpo feminino ideal desejado e propagado pela grande mídia.

Foram entrevistadas doze pessoas, onze mulheres e um homem. Destas onze mulheres, dez já submeteram algum tipo de CPE, salienta-se que uma delas é transexual. A outra entrevistada também é transexual, entretanto, apenas submeteu-se a aplicação de silicone industrial por finalidades estéticas. Há também um homem transexual em fase de preparação para realização da CPE de retirada das mamas. Todas as entrevistadas são moradoras da região da grande Florianópolis. As nove mulheres, com exceção da mulher transexual, são estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), oito no nível de graduação e uma no nível de mestrado. Das duas transexuais, uma é graduada pela UFSC a outra não tem curso superior, o homem transexual também não tem curso superior. O resultado aponta para a de mulher branca, alta, magra, jovem, cabelos louros/lisos, nádegas e seios grandes, como perfil de mulher ideal no Brasil contemporâneo e, destaca o seio como aspecto mais relevante deste corpo. Revelou-se que o emprego, o interesse nas relações afetivas/não afetivas e ser visível para chamar atenção das pessoas foram as principais motivações por detrás da incontornável busca feminina pela CPE. Por último, foi possível perceber como o sistema capitalista induz as pessoas “coercitivamente” a esta prática, que outrora

buscava-se por livre vontade, com a finalidade de ficar linda e sentir bem consigo para aumentar as suas autoestima, mas que nos dias atuais, configura-se como uma necessidade, a fim de poder acessar coisas.

Palavras-chaves: Biopolítica, Corpo, Cirurgia Plástica Estética, Estratégia.

INTRODUÇÃO

O considerável crescimento da busca pela Cirurgia Plástica Estética (CPE), como principal meio para adequar o corpo, entre as mulheres das classes baixa e média no Brasil contemporâneo se justifica, em grande parte, pelo privilégio que mulheres de corpos remodelados, corpo jovem, magro, saudável, dentro do padrão da estética aceitável tem, se comparadas àquelas que estão fora deste perfil, quando se trata de possibilidade de acessar benefícios. Portanto, a busca por este padrão de corpo não se configura mais apenas como desejo de ficar linda e sentir bem consigo, mas também como uma necessidade.

A estratégia de investir no corpo não é de hoje, apesar de nos dias atuais o foco ser outro. Foucault (2010) observa que o corpo foi objeto de investimento desde época clássica, só que na modernidade houve outro interesse que “não é mais elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas economia”. Este autor acredita que se a dominação capitalista fosse baseada somente na repressão física violenta – como fazia o Estado com os cidadãos – ela não se manteria por muito tempo, por isso se propõe uma outra técnica, dominar corpos para criar sujeitos dóceis e uteis ao seu serviço. Na sua opinião “o capitalismo socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho”. (Foucault, 1979, p.80).

Os dilemas e desafios da sociedade contemporânea e sua liquidez, isto é, a modernidade líquida que de acordo com seu teórico, trata-se de um período de capitalismo em que a sociedade dos produtores é substituída pela dos consumidores – o que não significa que não haja mais produtores – na qual a hierarquização e o reconhecimento social das pessoas se dá por meio da capacidade e volume de consumo, não mais da produção (BAUMAN, 2001), induz o indivíduo a realizar coisas das quais este não faria por livre e espontânea vontade.

Este período, também denominado de capitalismo flexível, é tomado pelos indivíduos induzidos a agirem como consumidores das coisas por eles produzidas dentro do sistema, numa relação líquida, ou seja, descartável. Nesta sociedade, tudo parece ser descartável, incluindo as relações pessoais, sejam elas afetivas ou não.

Sendo assim, as pessoas integrantes desta sociedade vivem num ritmo acelerado para atenderem às ofertas do mercado e também satisfazerem, em partes, seus desejos. Por outro lado, existem suas “obrigações” de consumirem tudo que está disponível. Um dos exemplos que caberia a esta lógica de consumo descartável são os lançamentos anuais, ou bianuais das linhas dos *Smartphones* diversos, principalmente dos dois gigantes da área: *Iphone* e *Samsung*. Pessoas descartam celulares de um ano de uso, ou até menos, simplesmente porque precisam comprar o novo lançamento que vem com alguma ferramenta amais, às vezes de pouca utilidade. Por outro lado, compram o novo como forma de demonstrar as suas capacidades de consumir em tempo real, de mostrar as suas fidelidades para com o mercado.

Entretanto, não são todas as pessoas pertencentes a esta sociedade que possuem condições de comportarem como fiéis consumidores, o que gera um certo grau de desconforto e sentimento de culpa entre estas pessoas porque se sentem incapazes de não poderem acessar as coisas. Este sentimento é motivado pelo discurso do sistema capitalista que parte da ideia de que todos são livres a concorrerem e todas podem conseguir, só não consegue quem é preguiçosa, quem não vai atrás etc. Este discurso desconsidera as desigualdades de diferentes naturezas que existem entre as pessoas, que são principais determinantes na concorrência.

Diante desta situação, as pessoas com dificuldades de acessar as coisas por falta de recursos que possibilitam o acesso, usam seus poucos recursos disponíveis de forma estratégica para tentar conseguir algo que possa as garantir a possibilidade de acessar. É neste contexto que o corpo entra como algo valioso, como capital, que se for usado de maneira estratégico pode possibilitar meios que facilitam o acesso das coisas.

A partir desta circunstância, nasce a ideia de uso feminino da Cirurgia Plástica Estética (CPE) como principal meio para adequar o corpo ao padrão da estética socialmente construída, mas difundida pelas mídias como algo natural. Portanto, a busca feminina pela CPE está fundamentada na ideia de que existe um corpo feminino ideal na contemporaneidade que proporciona privilégios, um tipo de capital social, que possa possibilitar o acesso aos benefícios.

Os resultados obtidos, posteriormente apresentados, indicam que a incontornável busca feminina pela CPE como principal meio para alcançar o perfil do padrão de beleza disseminada pelas mídias, não é só o simples desejo de se sentir bem, em outras palavras, uma questão de alto autoestima, mas é fundamentalmente uma necessidade de poder acessar coisas, na qual o corpo se configura como um recurso estratégico.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

A população desta pesquisa foi composta por doze pessoas, sendo que onze delas são mulheres, das quais dez já se submeteram algum tipo de intervenção CPE, exceto uma delas que fez a aplicação do silicone industrial no corpo com finalidade estética e, um homem. Nove destas pessoas são mulheres e três delas são transexuais. Das três transexuais, duas são mulheres transexuais e um é homem transexual.

Todas são moradoras da região da grande Florianópolis, com idade que varia entre 20 e 46 anos. Dez delas estudam na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – campus reitor João David Ferreira Lima/Trindade –, apenas uma não estuda nesta instituição. Das que estudam, nove estão na graduação, somente uma está na pós-graduação, em nível de mestrado.

As entrevistas foram realizadas em locais diferentes. Nove delas ocorreram dentro da UFSC, nos dias, horas e espaços diferentes, considerados adequados pelas entrevistadas. A outras três envolvendo as pessoas transexuais (duas mulheres e um homem) aconteceram na sede da Associação em Defesa dos Direitos Humanos (ADEH) que fica na região central de Florianópolis. Os locais, dias, horas para realização das entrevistas foram sugeridas pelas entrevistadas.

Utilizou-se dois tipos de recursos diferentes, porém complementares na recolha das informações: gravador de áudio e anotações no caderno de campo. Este primeiro se configura como principal, coma função de captar as informações verbalizadas pelas entrevistadas, ao passo que o segundo recurso, foi usado para anotar, ou seja, descrever os silêncios, lapsos, chiste, assim como, reações faciais e corporais.

A análise das informações coletadas no campo foi feita em dois momentos diferentes, porém complementares. No primeiro momento fez-se a transcrição parcial das entrevistas para levantar as categorias centrais de análise. De acordo com Manzini (1991), o momento da transcrição – seja ela parcial ou integral – representa uma experiência para o pesquisador e se constitui em uma pré-análise do material. No segundo momento elaborou-se a redação inicial, por meio da qual se fez a redação interpretativa, isto é, discussão dos resultados de forma articulada.

Reconhece-se que analisar, seja falas, silêncios, reações etc. das pessoas entrevistadas é uma tarefa de muita responsabilidade e de difícil execução, pois exige um grau elevado da fidelidade para com as pessoas entrevistadas, para com os julgadores do trabalho, com futuros leitores e para sociedade como um todo. É difícil porque exige grandes cuidados por parte da pessoa, equipe ou grupo que for a realizar, a fim de que não se cometam erros fora das margens estabelecidas, o que pode comprometer a ideia defendida. Por isso, seguiu-se de forma detalhada e cuidadosa os procedimentos propostos para garantir resultados confiáveis que reflitam a realidade, como apresentado em seguida.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O resultado das entrevistas suscitou informações consideradas suficientes para dar conta dos objetivos propostos, assim como, capazes de provocar outras reflexões, mas não se propôs adentrar em outras discussões que não estejam contempladas dentro do desafio do momento.

A grande parte do volume das informações aqui discutidas, foram as verbalizadas pelas entrevistadas. Os silêncios e as reações diversas não produziram muitas informações, ou seja, não foram registradas com muita frequência, mas despertaram atenção para questões de grande relevância, por exemplo, sempre que perguntadas a respeito dos benefícios que os resultados das intervenções proporcionaram ou estão proporcionando, o silêncio ou alguma reação facial vinha antes da resposta verbal.

O PERFIL DO CORPO FEMININO PROPAGADA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Parte-se da ideia de que beleza não é uma propriedade estática e nem universal, mas sim, dinâmica que varia entre povos e milhares de culturas espalhadas pelo mundo. Por conseguinte, a beleza de nenhuma outra cultura deve ser tomada pelo outro povo como a mais linda. Apesar disso, o que se observa é uma tendência de universalização, não só do padrão da beleza, mas de outros hábitos, práticas, gostos etc., promovida pelo capitalismo nas suas ações sem fronteiras, isto é, a globalização.

As características do corpo feminino ideal na contemporaneidade propagadas na sociedade brasileira são baseadas no padrão estético da cultura europeia e norte-americana, concretamente dos Estados Unidos da América. Segundo Freyre:

Dizia com um certo tom de crítica, que esse modelo de corpo e beleza brasileiros estavam sofrendo “impacto norte-europeizante ou albinizante” ou ainda “ianque” com sucesso de belas mulheres como Vera Fischer: alta, alva, loira, cabelos

lisos com um corpo menos arredondado.(FREYRE, apud, GOLDEMBERG, 2006, p.116):

Freyre (1987) chamava atenção para os detalhes que acreditava compor a beleza da mulher brasileira, apontava como modelo de beleza da brasileira a atriz Sônia Braga: “baixa, pele morena, cabelos negros, longos e crespos, cintura fina, bunda (“ancas”) grande, peitos pequenos” que estava sendo “substituída” pelo perfil da beleza acima referida com exemplo da Vera Fischer.

O perfil do corpo ideal na contemporaneidade referido pelas entrevistadas não foge daquele que popularmente é conhecido, que está nas capas das revistas, nos comerciais da TV etc. Estas reconhecem que alcançar aquele corpo, que não é um corpo qualquer, não é fácil, por isso, as vezes a pessoa busca só o mínimo que possível, como afirma algumas delas:

Agente sabe, ou melhor, eu sei que não dá para ter corpo igual da Gisele Bündchen [risos] mas agente tenta conseguir o mínimo, né? Melhorar um pouco para não ser ignorada, ou para não ficar sozinha. **Sozinha, como assim?** Ah, [risos], sem amigas, namorado interessante, coisas assim (Entrevistada-1)⁸.

O meu objetivo não é ser modelo e virar capa de revista, até porque sei que não tenho condições para chegar a este nível, mas é bom melhorar sempre que possível para ficar bem contigo e tornar pessoa desejada. Toda mulher quer ser desejada por vários homens e ela poder escolher, né! Eu pelo menos penso assim (Entrevistada-2)⁹.

Quando sugeridas para descreverem as características deste corpo, todas concordam que se trata de uma mulher: branca, alta, magra, jovem, cabelos louros/lisos, bunda e seios

⁸ Idade entre 20 e 25.

⁹ Idade entre 26 e 30.

grandes. Em sua pesquisa com homens e mulheres das classes média do Rio de Janeiro, Goldenberg (2006), encontrou respostas que possibilitaram a descrição de um perfil igual a este. De acordo com autora:

Posso resumir os anúncios típicos femininos e masculinos da seguinte maneira:

Eu sou magra, jovem, cabelos louros, longos e lisos, bunda e seios grandes, linda, sensual e carinhosa;

Eu sou alto, forte, bem dotado, rico, inteligente e romântico (GOLDENBERG, 2006, p. 119).

As entrevistadas reconhecem que alcançar este perfil de corpo exige, por um lado, investimento de alto custo financeiro e disponibilidade de tempo, por outro lado, ter nascido com algumas características, por exemplo, ser alta e branca. Entretanto, tem um retorno significativo, porque a pessoa se transforma num produto de consumo de desejo de quase todos os homens, principalmente aqueles economicamente poderosos, capazes de fazer a manutenção deste produto.

Portanto, um corpo “perfeito” enquanto um produto precioso, delicado, que custou muito caro, necessita de atenções especiais, dos cuidados e da manutenção em dia para manter a sua qualidade. Para tal, precisa ser de uma pessoa com capacidade financeira de o manter são e saudável.

AS MOTIVAÇÕES PELA BUSCA DO CORPO FEMININO IDEAL NA CONTEMPORANEIDADE

Os resultados das entrevistas revelaram diversos aspectos que motivaram cada uma das pessoas entrevistadas em se submeter a CPE. Como pode-se observar no roteiro da entrevista em anexo, não foi feita nenhuma pergunta direta sobre as motivações em se submeter as intervenções, por conta disso, as respostas foram dadas indiretamente.

Algumas literaturas que debruçaram a respeito da problemática da CPE na contemporaneidade, com foco nas motivações para realizações, consideraram que a busca pela alto autoestima se configura como principal motivo por detrás desta

prática. Informações semelhantes foram encontradas nos relatos dos profissionais que realizam estas práticas em suas publicações nas páginas *online* das suas clínicas¹⁰. Apesar disso, em nenhuma das páginas não foi definido o que estava sendo chamado de autoestima, mas não se pretende adentrar neste assunto.

Entretanto, nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, a palavra autoestima não aparece na fala de nenhuma das entrevistadas, mas sim, foram identificados outros termos que expressaram as motivações para realização da CPE. Emprego, relações e visibilidade, são principais termos usados para justificar a busca pela CPE.

De acordo com Goldenberg (2006), o corpo no Brasil contemporâneo é importantíssimo na construção da identidade individual e funciona como um capital fundamental para carreira profissional, ascensão social e fundamentalmente para o casamento, sendo o fator central na decisão.

Na busca do emprego

A necessidade de conseguir um “bom” emprego nos dias atuais, tendo em conta a crise que tem abalado as nações, isto é, a crise do capital, exige da pessoa não só a qualificação profissional, mas também, certo perfil comportamental, ou melhor dizendo, certos hábitos e, também, uma certa aparência física, como afirmam duas das entrevistadas. De acordo com estas:

Tentar ficar mais linda que possível é importante, não para estar se achando linda, até porque as pessoas que te conhecem

¹⁰Disponível em: a) <https://www.landecker.com.br/os-principais-motivos-que-levam-alguem-fazer-uma-cirurgia-plastica/>; Acesso em mês de ano.

b) <http://www.cirurgiaestetica.com.br/cirurgia-plastica-e-auto-estima/>

c) <http://boaplastica.com.br/blog/1-motivacao-para-fazer-cirurgia-plastica-e-2-motivos-para-nao-fazer/>

d) <http://www.segs.com.br/saude/10594-por-que-as-pessoas-fazem-uma-cirurgia-plastica.html>

e) <https://www.lucianapepino.com.br/blog/cirurgia-plastica-e-saude-ou-estetica/>

sabem que não nasceu assim. Mas é para poder ter facilidade, porque hoje, mesmo com curso superior, se não melhorar a aparência fica difícil conseguir emprego, até para ser simples vendedor na loja, querem que seja “gostosa” (desculpa pela expressão), mas é isso que acontece, infelizmente (Entrevistada-3)¹¹.

Para nos mulheres transexuais é indispensável ter este corpo para poder inserir no mercado de trabalho. Se for para mercado da prostituição, o que a maioria faz por falta de opção, tem que ter bunda, mamas e coxas grande, caso contrário, não vai despertar interesse pelos clientes. Para ser contratado numa loja, salão etc., tem que ter corpo de mulher e não deixar que percebem que tu és mulher transexual, porque no dia que descobrirem, eles te mandam embora (Entrevistada-4)¹².

Uma “boa” estética, ou seja, um corpo lindo, dentro do padrão vigente, passa a ser, não só no caso das mulheres transexuais, mas principalmente entre as outras mulheres, um componente importante no currículo da candidata à vaga de emprego, como afirma Renato Meirelles, presidente do Instituto Data Popular, “muitas vezes, a aparência acaba sendo mais relevante do que a própria qualificação profissional”¹³. Na mesma linha do pensamento, Caio Infante, diretor do *site* Trabalho.com, afirma que “uma pessoa bonita é aceita mais facilmente, mas se há outro candidato mais preparado não é beleza que vença”¹⁴.

Este fenômeno não acontece só no Brasil, algumas pesquisas dão conta de que em outras regiões de mundo,

¹¹ Idade mais de 36.

¹² Idade entre 26 e 30.

¹³ Disponível em: <http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2014/05/pesquisa-aponta-que-mulher-bonita-tem-mais-chances-profissionais.html>. Acesso em mês de ano.

¹⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2014/05/para-81-aparencia-e-fundamental-para-conseguir-vaga-de-emprego.html>

peças com aparências físicas, ou seja, estética dentro do padrão, não só têm mais chances de conseguir emprego, mas também de serem promovidas e ganharem salários maiores, como mostra o resultado de uma pesquisa feita na Itália, na qual enviaram mais de 10 mil currículos com mesmo texto, mudando apenas endereço, fotos e nomes, com objetivo de testar o impacto da beleza na escolha dos candidatos. O resultado aponta para seguinte dados:

A taxa média de retorno foi de 30% em todos os currículos enviados. Já com aqueles que tinham fotos de mulheres bonitas, o retorno foi de 54%, enquanto que os de homem bem apessoados foi de 47%. O estudo aponta ainda que o pior resultado foi referente aos documentos que traziam fotos de mulheres menos atraentes, cuja taxa de retorno foi de 7%. Já os de homens nem tão bonitos assim registraram uma taxa de retorno de 26%¹⁵.

A prática de exigir uma certa aparência física considerada linda para ser contratada com mais facilidade e, conseqüentemente, ser promovida no mercado de trabalho, se configura num ato de racismo que exclui deste mercado de trabalho as pessoas das raças e culturas consideradas “feias”, o que reforça a ideia que parece ser ultrapassada, de que uma cultura é melhor que outra e, tomar o conjunto das suas características físicas como referência para outros povos.

Na busca pelas relações

Os dilemas e desafios para sobrevivência na sociedade contemporânea, que se assenta numa ideia individualista promovida pelo capitalismo, exige das pessoas esforços contínuos para permanecerem “vivos”. Nesta busca pela permanência, as parcerias com outras pessoas, que não são quaisquer, tem sido uma das estratégias adotadas pelos

15

Disponível

em:

<https://oglobo.globo.com/economia/emprego/pessoas-bonitas-tem-mais-chances-de-serem-chamadas-para-entrevista-de-emprego-9901395>.

Acessado no dia 18 de Maio de 2017.

indivíduos. Quanto maior e melhor a rede de relações, isto é, com pessoas consideradas poderosas e importantes, maiores são as chances de sobreviver com mais facilidade.

É nesta perspectiva que a busca por relações estratégicas, sejam elas afetivas ou não, se caracterizam como uma das motivações para realização da CPE. Porque, o corpo remodelado, lindo, magro, jovem etc. se configura como um capital social que se for bem usado, pode proporcionar outros tipos de capitais.

Em suas falas foi possível observar que os interesses para relações afetivas eram mais preocupantes, como relatam algumas delas:

Eu era uma pessoa solitária, mas não por opção, é que não conseguia fazer amizades e muito menos despertar interesse dos homens, por isso fiz a redução de estômago, dei uma mexida na nariz e fiz outras coisinhas. Agora consigo fazer amigas, homens olhando pra mim, muitas paqueras, enfim. O ideal seria que não fosse necessário fazer tudo isso, mas infelizmente é o que acontece (Entrevistada-5)¹⁶.

Conheço muitas meninas que fazem com objetivo de conhecer homens economicamente poderosos, mas poucas realmente conseguem, a grande maioria fica só na ilusão (Entrevistada-6)¹⁷.

[...] um corpo bem cuidado, uma boa aparência física atrai mais atenção dos homens, do que qualquer outra coisa. O seu jeito de ser, ele vai saber depois (Entrevistada-4).

Em sua pesquisa com homens e mulheres a respeito do que desperta interesse para um ao outro, Goldenberg (2006) encontrou respostas que corroboram as falas acima referidas. O corpo aparece como um dos elementos centrais, principal em

¹⁶ Idade entre 26 e 30.

¹⁷ Idade entre 20 e 25.

vários momentos, em relação ao que mais atrai um homem sexualmente em uma mulher. Bunda, corpo e seios são elementos da resposta dos homens.

Wolf (1992) frisa que a beleza é fator fundamental no mercado do matrimônio, no qual, a partir do início do século XIX, a aparência física passou a ser avaliada como um bem na prática do casamento burguês. Algumas entrevistadas revelaram que fizeram as intervenções com objetivo de manter, assegurar as suas relações, não com intenção de estreitar outras, como afirmam:

Fiz cirurgia de aumento das mamas e do bumbum, não porque eu queria, mas porque meu marido gosta. Eu percebi que ele gosta de bunda e de peitos grandes, portanto fiz para o deixar satisfeito, também para assegurar meu marido, ele é um ótimo marido (...). **Se não fosse por ele farias?** Acho que não, porque eu sei que sou linda do jeito que nasci (Entrevistada-7)¹⁸.

Eu tenho silicone nas nádegas e nos seios, fiz porque o meu ex-namorado queria, foi ele que pagou tudo, então fiz, apesar de não pagou muito, porque o cirurgião era um familiar dele. **Mas, sempre querias fazer?** Por mim só, não faria, não só por falta de dinheiro, mas eu não sentia a falta disso. Sempre senti bem comigo, nunca passei vergonha. **Hoje arrependeu por ter colocado?** Não! Eu me arrependeria se fosse com meu dinheiro, mas como foi ele quem pagou tudo, estou bem (Entrevistada-8)¹⁹.

Estas duas falas faz-nos lembrar do serviço que a “*Heart Hunter*” presta para homens ricos que desejam encontrar mulheres dos seus sonhos. A empresa funciona como uma espécie de fábrica de montagem das mulheres para homens economicamente poderosos, na qual estes podem pedir, ou

¹⁸ Idade entre 30 e 35.

¹⁹ Idade entre 26 e 30.

melhor dizer, exigir que as futuras parceiras preencham todos os requisitos necessários para atender os seus sonhos.

Se outrora a disciplina serviu para dominar corpos e fabricar indivíduos maquinas, sujeitos com mais habilidades, obedientes (submissos), dóceis e úteis para trabalhar nas indústrias, nos dias atuais, ela não fabrica indivíduos só para estas finalidades, mas também, para servirem de objetos de desejo de consumo que pode ser comprado, porque é uma mercadoria. Foucault (2010) observa que “disciplina é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente” (p. 164).

Na busca pela visibilidade

A busca da CPE com objetivo de remodelar o corpo e, conseqüentemente, tornar aparentemente mais linda, segundo as entrevistadas, tem uma outra questão atrelada a ela. Trata-se da busca pela visibilidade entre as pessoas, principalmente entre eles, como afirmam duas delas:

Para sermos honestos, ninguém quer ser invisível no meio em que vive, principalmente nós mulheres. Quando você não é nada, ninguém olha para ti, você passa despercebido, isso é muito ruim para pessoas, sabes! Por isso que, se não for de uma família conhecida e não és nada, a única coisa que resta é melhorar a tua beleza para poder ser vista como alguém interessante. **No teu caso funcionou?** Sim, hoje as coisas melhoraram bastante, quer entre as minhas colegas e como com homens. Tem mais pessoas me seguindo no *instagram*, mais meninas querendo fazer amizade, estas coisas assim (Entrevistada-10)²⁰.

Eu fiz mamoplastia de aumento, porque minhas mamas eram bem pequenas que nem dava para ver, isso me incomodava

²⁰ Idade entre 30 e 35.

bastante. Ficava com vergonha dos homens com os quais fiquei naquela época, nem gosto de lembrar disso. Mas, hoje, as coisas mudaram significativamente, tanto homens e como mulheres olham direto para mim. Precisava só investir na comissão de frente, agora não passo sem causar (risos), isso me faz sentir importante, já que não tenho outras coisas da vida nem. **Como descobriu que precisava investir nas mamas?** Para dizer verdade, uma amiga que me falou, mas também, quase todos homens gostam de mulher com mamas grandes, ou estou errada. Daí investi na mama e está dando certo (Entrevistada-11)²¹.

A opção pela realização das mamoplastias, principalmente a de aumento, está ligado à ideia da construção da identidade física da mulher, também da sensualidade. Ao se configurar como um dos aspectos fundamentais, ou melhor dizendo, indispensável do corpo feminino, ela passa a ser principal alvo das mulheres que realizam as CPE. De acordo com uma das entrevistadas:

Eu coloquei mamas, principalmente pela necessidade de vestir roupas com decotes. Veja só, ser mulher é não ser homem e vice-versa. A sociedade é binária, portanto ser mulher exige vestir roupas de mulher para poder ser vista e aceita como mulher. Vestir roupa de mulher exige necessariamente ter mamas, porque todas as roupas feitas para mulheres consideram espaços para acomodar mamas (Entrevistada-4).

De acordo com Wolf (1991), na civilização ocidental, certas partes do corpo feminino tais como: coxas, nádegas, ventre e mamas, são consideradas mais importantes para fins sexuais. Portanto, a “insatisfação” de uma mulher com uma destas parte do seu corpo revela que, no fundo, ela “não está falando de um desagrado de natureza estética, mas de uma profunda vergonha

²¹ Idade entre 26 e 30.

sexual, cuja feiura se transforma em obsessão” (WOLF, 1991, p. 198).

Entre estas questões, a mama se configura como a mais importante. Isso se explica, em partes, por ser a mais realizada CPE do mundo, segundo informa a SBCP. Por outro lado, aparece como parte mais remodelada pelas entrevistadas desta pesquisa. Em sua pesquisa com universitárias que fizeram a CPE, Rudnick (2016) constatou a mesma situação. De acordo com esta:

As intervenções nas mamas foram feitas em todas as participantes em idades semelhantes: entre 19 e os 23 anos. Pode-se perceber que isso tem ligação também com a entrada na vida adulta e o constrangimento por não possuir os signos da feminilidade (RUDNICK, 2016, p. 30).

A escolha das partes do corpo a serem remodeladas pelas mulheres não acontece ao acaso, mas a partir do objetivo de cada uma, ou seja, a partir do imaginário dos homens. Estas sabem o que geralmente atrai sexualmente a grande maioria dos homens, a partir destas informações que adequam os seus corpos.

Os homens em geral, principalmente, cirurgiões plásticos, são agentes importantes na construção da ideia de um corpo feminino ideal, como observa algumas entrevistadas:

Fiz aumento tanto da bunda e como das mamas. **Por que fez?** Ah, porque meu marido queria. **Como foi que chegaram a este assunto?** Ele falava indiretamente de bunda grande e de peito grande, daí percebi que ele gostava. Logo perguntei se ele gostaria se eu fizer, disse que sim, daí fiz. Mas, por mim só, não faria, porque tenho medo de não dar certo, até porque eu não precisava, sabes. **Quem sugeriu o tamanho?** Nós dois, mas depois, foi o médico que definiu tudo. **Porque médico?** Ah, eles sabem né, qual tamanho fica bem para cada mulher e quais partes não precisa fazer, estas coisas (Entrevistada-7).

(...) queria colocar 300 ml, mas o médico disse que eu sou um pouco baixa, ficaria desproporcional, daí colocou 250 ml. Mas, realmente ele tinha razão, porque 300ml seria muito mesmo (Entrevistada-12)²².

(...) fiz uma consulta com médico para saber quais regiões eu poderia melhorar, depois disso que tomei decisão com base no que ele me recomendou. **Não sabias o que melhorar?** Eu tinha ideias, mas eles sabem como e o que fazer sem exagerar, por isso fiz consulta antes (Entrevistada-6).

Eu vivia de vergonha na frente de homens com os quais já fiquei. Percebi que não gostavam do meu peito (...). **Algum deles chegou a reclamar?** Não, mas dá para saber quando a pessoa não gostou muito de uma coisa. Por isso que fiz aumento (Entrevistada-12).

Estas ideias são influenciadas pelo modo como se construiu socialmente a ideia do corpo feminino, em que alguns aspectos deste corpo devem necessariamente estar lindos e suficiente para atender os desejos sexuais dos homens. A naturalização desta concepção do corpo feminino e sua reprodução de geração em geração tem induzido pessoas à certas práticas para atender àquilo que é vendido como natural, mas que não passa de uma cultura.

²² Idade mais de 35.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pelo corpo feminino ideal no Brasil contemporâneo tem haver em partes com a questão do desejo de ser linda e sentir bem consigo, isto é, a autoestima. Por outro lado, configura-se numa estratégia cuja a finalidade é poder acessar os benefícios que as pessoas dos corpos remodelados, corpos dentro do padrão são concedidas indiretamente. É importante observar que estes benefícios o fato de não se trata de algo legal, do ponto de vista jurídico, acontece de forma mais sutil que possível para dificultar que as pessoas possam perceber, portanto é algo discutível, de mesmo modo que é discutível a questão dos privilégios das pessoas brancas em relação as não brancas no Brasil atual.

Vale notabilizar que o perfil traçado como ideal para mulher no Brasil contemporâneo é excludente, racista, gordofóbico etc. Racista porque dispensa mulheres que não são brancas, isto é, negras, indígenas etc., excludente porque não considera pessoas consideradas baixas e pessoas fora da faixa de idade considerada jovem e gordofóbico porque não aceita pessoas consideradas não magras. Isso sim é manipulação e gestão dos corpos.

Apontou-se para mamas grandes como aspecto mais importante, ou melhor dizendo, mais indispensável no corpo de uma mulher nos dias atuais. Segundo informa a SBCP, a mamoplástia de aumento é o procedimento mais realizada atualmente no mundo das CPE a nível nacional e internacional o que ajuda a confirmar que é um dos mais importante aspecto no corpo feminino. Se de um lado é observável esta busca pelo aumento das mamas, por outro lado, entre os homens transexuais verifica-se os desafios para retirar as mamas, enquanto aspecto central do corpo feminino.

Foi possível perceber como os homens em geral, principalmente os cirurgiões plásticos, participaram na construção da ideia do corpo feminino perfeito na atualidade, apontado para qual parte do corpo deve ser remodelado e daquela que não precisa. A decisão de muitas mulheres ao realizar intervenções cirúrgicas de caráter estética, dependem da opinião de um cirurgião, em relação a que parte do corpo devem remodelar, como e quando fazer.

Por fim, é importante observar que não se defendeu, neste artigo, a não realização da CPE, ou outras técnicas de remodelar corpos, mas mostrou-se como esta prática, nos dias atuais, não se configura apenas como desejo, mas principalmente como necessidade, tendo em conta a forma como o sistema capitalista está estruturado. As pessoas são “coercitivamente” conduzidas a esta prática com a promessa de poderem acessar benefícios o que nem sempre acontece.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramalhete. 38a ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

_____. **O nascimento da medicina social**. Microfísica do Poder. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal 1979.

MANZINI, Eduardo José. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira**. Revista Eletrônica da Escola da Educação Física e Desportos – UFRJ. Volume-2, número-2, Julho/Dezembro de 2006.

_____. **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FREYRE, G. **Modos de homem, modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

O Globo. **Pessoas bonitas têm mais chances de serem chamadas para entrevista de emprego**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/emprego/pessoas-bonitas-tem-mais-chances-de-serem-chamadas-para-entrevista-de-emprego-9901395>

RUDNICK, Claudia R. G. **Motivações para realização de cirurgias plásticas estéticas entre universitárias da UFSC: uma análise sociológica**. TCC - UFSC, Florianópolis-SC 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/172762/Coordenadoria.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

WOLF, Noami. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria defendida nesta dissertação é que a busca feminina pela Cirurgia Plástica Estética entre as pessoas das classes média e baixa no Brasil contemporâneo tem por finalidade, além da busca pela autoestima, a busca pelo acesso aos benefícios que as pessoas de corpo remodelado, dentro do padrão são concedidas indiretamente em algumas circunstâncias no Brasil contemporâneo.

A busca pelo acesso ao emprego “bom”, relações afetivas ou não “importantes” e pela visibilidade são palavras que resumem as motivações por detrás da incontornável busca feminina pela CPE na contemporaneidade. À estas coisas entendeu-se como estratégia para acessar benefícios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIMA, Andre Luis Fernandes. **As “turbinadas e os pigmaleões: implantes mamários de silicone e a beleza construída**. Dissertação de mestrado apresentada à UERJ. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:http://www.bdtd.uerj.br/tde_arquivos/44/TDE-2014-05-13T102215Z-4416/Publico/Andre%20Luis%20Baima-%20dissertacao.pdf

BAKER, W. E. “**Market networks and corporate behaviour**”, *Am. J. Sociol*, 1990, pp. 589-625,

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONI, Valdete & QUARESMA, Silvia Jurema. **EM TESE**: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Zahar, 2013.

BOURDIEU, P. (1980). O Capital Social – Notas Provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. O capital Social – notas provisórias. **Os três estados de capital cultural**. In: BOURDIEU, P (2008) *Escritos da Educação*. RJ: Vozes.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. RJ, Editora: Civilização Brasileira, 2003.

BURT, R. S. **Structural Holes: The Social Structure of Competition**, Cambridge, MA, Harvard Univ. Press, 1992.

CAPONI, Sandra. **A biopolítica da população e a experimentação com seres humanos**. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, jun. 2004.

CODO, W.; SENNE, W.A. **O que é a corpolatria**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

COLEMAN, James Samuel. ***Social Capital in the Creation of Human Capital***. Chicago: University of Chicago, 1988.

DALLO, Luana et al. **Idolatria ao corpo na sociedade contemporânea: implicações aos adolescentes**. V Congresso Nacional da Educação – EDUCERE, Curitiba 7 a 10 de novembro de 2011.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramalheite. 38a ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

_____. **O nascimento da medicina social**. Microfísica do Poder. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal 1979.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GILMAN, S. L. Making the body beautiful: a cultural history of aesthetic surgery. Princeton: Princeton University Press, 1999.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

LAQUEUR, T. Inventando o Sexo: sexo e gênero dos gregos a Freud. Editora: Relume Dumará, RJ 2001.

LUBIN, David. Masks, mutilation and modernity: Anna Coleman Ladd and the First World War. *American Art Journal*, Chicago. Vol. 47, n. 3/4, p. 4-15, 2008.

MANZINI, Eduardo José. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa em ciências sociais**. 2. ed. – São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 3.ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.

NBUNDÉ, Davi Saba.**Representações Sociais Sobre AIDS e seu tratamento:** Uma análise do discurso dos estudantes da Guiné-Bissau na UFSC. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/126714>.

NOVAES, A. (org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PORTES, A. **Capital Social: origens e aplicações na sociologia contemporânea.** In: Sociologia, Problemas e Práticas. n. 33, 2000, pp. 133-158.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia: a Experiência da Itália Moderna.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

REZENDE, M. De Joffre. **Acta Cirúrgica Brasileira - Vol 20 (5)** 2005.

RICHARDSON, Roberto Jarry. et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3. ed. – 8 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2008.

RODRIGUEZ, L. S. **À cor da pele: considerações sobre o corpo na atualidade através do uso da tatuagem.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ., 2011.

RODRIGUEZ, L. S. & CARRETEIRO, T. C. O. C. (2014) **Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil.** *Psicologia & Sociedade*; 26(3), 746-755.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. Disponível em: <http://www2.cirurgioplastica.org.br>

SUELY, Ferreira Deslandes et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 23 Edição.

THOMAZ, Felipe. **História da Cirurgia Plástica Brasileira,**

2010. Disponível em: <http://cirurgiaplasticaa.blogspot.com.br> /
acessado dia 01 de Abril de 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, Paulo. &**ALVES**, Elaine. **História da Cirurgia**, 2009.

ANEXOB: TCLE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE SAÚDE PÚBLICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, estudante _____ do curso _____ de _____ na UFSC, concordo em participar livremente da pesquisa do trabalho final do curso do aluno **DAVI SABA NBUNDÉ**, do curso de Mestrado no Programa e na Instituição acima referidas, sob a Orientação do **Prof. Dr. RODRIGO OTÁVIO MORETTIPIRES**, e Co-orientação da **Profa. Dra. SANDRA N. C. CAPONI**, cuja objetivo é, analisar nas falas, nos silêncios e nas reações das entrevistadas, quais outros possíveis motivações estão por de trás da acirrada busca pela cirurgia plástica estética; b) quais aspectos compõem o perfil do corpo/aparência que busquem alcançar; e c) qual entre estes aspectos é mais indispensável.

A minha participação consiste em conceder uma entrevista semiestruturada que será gravada e transcrita posteriormente. Entendo que, ao participar desta pesquisa, estarei contribuindo na compreensão do fenômeno em estudo e, na produção de conhecimento científico e que na publicação dos resultados, a minha identidade será mantida no mais rigoroso sigilo e, serão omitidas todas as informações que possibilitariam em me identificar, assegurando assim a minha privacidade. Ou, que na publicação dos resultados, a minha identidade será revelada por querer que a minha opinião seja identificada neste trabalho.

Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e, que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura da participante

Florianópolis _____ / _____ / 2017.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo equipe responsável pela pesquisa, por meio do seguintes contatos:

Davi Saba Nbundé: Cel: (48) 9900-4963 / E-mail: vibade.ufsc@gmail.com

Prof. Dr. Rodrigo Moretti: Cel. (48) 8823-4271/ E-mail: rodrigo.moretti@ufsc.br

Profa. Dra. Sandra Caponi: Cel. (48) 9119-7821/ E-mail: sandracaponi@gmail.com

Assinatura da equipe de pesquisa:

Davi Saba Nbundé

_____.

Prof. Dr. Rodrigo Moretti

_____.

Profa. Dra. Sandra Caponi

_____.

ANEXO C: RE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE SAÚDE PÚBLICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

ROTEIRO DA ENTREVISTA**1. Informações da Entrevistada**

Faixa de idade: 20 à 25 (); 26 à 30 (); 31 à 35 (); Mais de 35 ().

Curso: _____,

Fase atual: _____.

2. Perguntas

1. O que faz de uma mulher bela nos tempos atuais, na tua opinião?
2. Como foi a tua experiência em se submeter a intervenção estética (antes, durante e depois do procedimento)?

3. Considerações Finais

1. Gostaria de compartilhar mais alguma informação?
2. Faça a tua consideração final desta nossa conversa.
3. Gostaria de indicar alguma colega sua que estuda na UFSC e, que também se submeteu a intervenção estética?

Florianópolis ____/____/2017